



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

PAULO SÉRGIO DA SILVA SANTOS

**Oração e sangue: análise histórica da Ordem da Santa Cruz,
os penitentes do Sítio Salgadinho, Aurora (CE) (2015 - 2018)**

CAJAZEIRAS – PB
2018

PAULO SÉRGIO DA SILVA SANTOS

**Oração e sangue: análise histórica da Ordem da Santa Cruz, os penitentes
do Sítio Salgadinho, Aurora (CE) (2015 - 2018)**

Monografia apresentada à banca examinadora como requisito obrigatório para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Prof. Orientador: Dr. Rodrigo Ceballos

CAJAZEIRAS – PB
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S237o Santos, Paulo Sérgio da Silva.
Oração e sangue: análise histórica da Ordem da Santa Cruz, os penitentes do Sítio Salgadinho, Aurora (CE) (2015-2018) / Paulo Sérgio da Silva Santos. - Cajazeiras, 2018.
91f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2018.

1. Ordem religiosa. 2. Religiosidade. 3. História cultural. 4. Penitentes.
5. Cultura. I. Ceballos, Rodrigo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 2-78

**Oração e sangue: análise histórica da Ordem da Santa Cruz, os penitentes
do Sítio Salgadinho, Aurora (CE) (2015 - 2018)**


Monografia apresentada à banca examinadora como requisito obrigatório para obtenção de nota na disciplina Trabalho de conclusão de Curso (TCC) em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

APROVADO EM 17 / 10 / 2018.

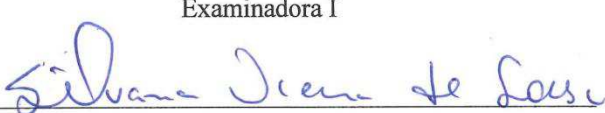
BANCA EXAMINADORA



Dr. Rodrigo Ceballos
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Orientador



Dra. Viviane Gomes de Ceballos
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Examinadora I



Dra. Silvana Vieira de Souza

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Examinadora II

A todos meus professores do curso de História CFP/UFCG; a todos meus professores do ensino Básico e Médio, e em especial, aos meus futuros alunos.

AGRADECIMENTOS

Para a maioria, agradecer sempre é a tarefa mais fácil em uma monografia, porém para mim é um trabalho digno daqueles heróis dos romances de cavalarias. O medo repousa em silenciar/esquecer pessoas importantes. Portanto, fiquemos cientes que aqui não encontram na totalidade todos que me ajudaram.

Iniciando os reconhecimentos, friso que vou ser clichê. Primeiramente agradeço aos “deuses antigos, recentes e que os virão” (como um bom personagem de *Game of Thrones*). Não vou selecionar um deus (ou deuses), creio que todos são válidos, assim como recorri a inúmeros e variados divinos, desde “*Quetzalcóatl*” nas provas de América I até “*Iansã*” nas atividades de Tópicos Especiais da História da África ou a “*Santa Tereza D'Ávila e Padre Cícero*” na construção deste TCC.

Após agradecer os deuses, vou agradecer outros senão deuses também, meus professores orientadores: Dr. Rodrigo Ceballos por toda paciência comigo, por ter sido a primeira pessoa na UFCG/CFP que me demonstrou que a História está próxima de mim. No início do curso fui apresentado àquela galeria de historiadores e pensadores clássicos, criaram uma barreira psicológica para mim, como se a História pertencesse àqueles homens (mulheres) e eu fosse mero telespectador e analítico. Rodrigo tirou essa miragem. Obrigado, você não mensura o orgulho de comentar que fui seu orientando. Te admiro como docente, cidadão e amigo.

No segundo quesito por sua didática, atenção e preocupação com os discentes. Terceiro, sua forma brincalhona, e por fim, o mais importante, por ser o professor de projeto de pesquisa que acreditou em mim e, sobretudo, como meu Orientador. No quesito orientando, nunca vou colocar em palavras ditas ou escritas a dimensão dos meus agradecimentos.

Agradeço a professora Dr^a. Rosilene Mello, por sua orientação e todas as conversas comigo, sempre divididas em dois momentos: primeiro ler, debater minhas leituras e escritos, e no segundo momento dedicado “a gente”, como uma “terapia”. “Rosi” me ajudou em minha descoberta como historiador, professor e pessoa.

Agradecendo a outros mestres pelo critério de contribuição para essa pesquisa, não posso esquecer duas figuras importantes: a professora Dr^a. Viviane Ceballos e o

professor Neto. Ambos me ajudaram nos meus recortes, postulações e deslocamentos nessa pesquisa.

Para os dois não tenho como calcular meus agradecimentos. Destarte, Dr^a Viviane Ceballos pelas melhores aulas de História do Brasil (fazia pensar no Brasil e no meu papel como brasileiro no ônibus a caminho de Aurora-CE) e a Neto, configurou um amigo, sua preocupação com minha saúde (nunca vou esquecer), problemas pessoais e postagens nas redes sociais.

Agradeço a todos os professores do curso de História do CFP/UFCG. Todos me ensinaram de sua forma como ser professor e ser historiador. No caso da docência Isarmac, Ana Rita e Israel, em particular, observava suas posturas como docentes, misturando em mim admiração e tentativas de reprodução de suas posturas como futuro professor. Vocês são incríveis! Isarmac, metodologia invejável; Ana Rita, sua postura humana; Israel, sua didática. Queria ser um Frankenstein, um misto desses professores/mestres.

No âmbito, dos colegas nunca posso esquecer-me da *sociedade secreta do banquinho da biblioteca/SSBB* (agora não mais secreta). Seus integrantes: Natália, Luis, Juciene, Tamires, Walter, etc. Também integrantes da *SSBB*, mas em particular, mais irmãos do que colegas, e por isso tenho que agradecer às irmãs “siamesas”: Suênia e Gírlucia. Melhores pessoas que a faculdade me legou. Da faculdade para vida. PS: essas duas mereciam páginas para tentar agradecer tudo.

No âmbito familiar, são poucos a agradecer. Aos que cito fiquem cientes que foram realmente relevantes. Dedico essa monografia aos meus pais, Manuel e Clarisserisce, à minha avó Tereza, guerreira, agricultora, protetora e mãe. Agradeço a Paula, minha irmã (mais nova), porém tão minha “mãe” quanto às demais. E na quarta e quinta categoria “mãe”: minha madrinha, Elza, e minha tia Divania. Grato por ter tantas “mães”.

Agradeço a três homens importantes na minha história: meu bisavô Sebastian, valente vaqueiro, exemplo de homem; a Enoque (companheiro da minha avó, portanto meu avô) e aos meus dois tios: Almir e Cícero, meus verdadeiros pais e cais.

Saliento entre os meus amigos da turma 2014.1: Bruna, amiga e parceira de artigos e para a vida; Jucicleide ou Juh, uma pessoa que irradia uma fortaleza e sua luta;

Yarlison, amigo e sempre centrado (emanava isso) e por seus comentários pontuais e crítico; Fernanda Batista (guerreira nata), Marleide (mesmo não sendo 2014.1) a minha primeira amiga do turno da noite, digna também de páginas só para ela, e Ewerton (bom monitor), grato por suas indicações bibliográficas e referências na cantina (Nem lembra disso, mas foi essencial para essa pesquisa), e também como monitora e amiga Paloma.

A galera do ônibus de Aurora (CE), aliás, agradeço ao Megazord (entendedores entenderão). Entre os amigos do ônibus: Danuza, minha terceirizada com Deus, maiores dúvidas e angústias sempre a perturbavam e ela tinha um conselho benéfico (uma espécie de grilo falante do *Pinóquio*); Cirlania, pelo dia que fiquei esquecido no Campus (me mudou) e amizade; Leandro, desde Ensino Médio; Karla, amiga para toda hora; Cicinho, sempre gentil comigo, etc. Por cada aventura rumo à universidade.

Por fim, categoria amigos do dia a dia, de laços estreitos e deleitosos, vou frisar: Valdenio, ensinou métodos de procrastinar, ensinou ser mais intuitivo, acreditar em mim, aliás, me fazia crer que era uma espécie inteligente (não sou), para ele deixo um recado: quero parceria com seu “eu” geógrafo, é sim você é um irmão. Atrevamos fazer outra/nova História e Geografia de Aurora (CE). Ainda na Geografia, agradeço a Luciana.

E agradeço a Renato, por ser meu orientador pessoal, entre os orientadores que tive esse era o mais cruel/crítico e realista. Desse amigo só friso seu “nome a moda *Game of Thrones*”: Renato Targaryen, Filho de Aurora, o procrastinador, o não queimado do sol do sertão, Pai de Dragões, Rei da Residência Universitária, Rei da Biblioteca e o Primeiro entre os biólogos do campus CFP/UFCG, primeiro de seu nome, quebrador de correntes do WhatsApp. Senhor dos sete reinos, de Aurora (CE) até Cajazeiras (PB). Grato!

Agradeço principalmente aos penitentes da Ordem da Santa Cruz. Esse agradecimento é uma gota, vocês merecem um oceano de congratulações. Eternamente grato. Obrigado Decurião. Obrigado Geilza por compartilhar suas estórias. Obrigado Jacinta, Lucas e Neném por cada vez que me levaram até os rituais dos penitentes e esperaram por madrugadas a fora. Gratidão.

Agradeço a todos meus mestres, em especial de História.

Agradeço a todos os funcionários do CFP/UFCG.

Portanto. Agradeço a todos que não consegui lembrar. Agradeço às políticas públicas que permitiram o amplo acesso (mesmo com problemas) à universidade, pois possibilitou acesso de um filho de lavadeira de roupa, neto de agricultora, bisneto de vaqueiro ao curso de História UFCG/CFP, Campus de Cajazeiras, PB na turma 2014.1.

“Um leitor vive mil vidas antes de morrer,
um homem que não lê vive apenas uma”
(George R. R. Martin)

RESUMO

O presente estudo trata-se de uma análise da comunidade da Ordem da Santa Cruz de penitentes de Aurora (CE) na região sul do Cariri cearense. Utilizo o recorte temporal entre 2015 á 2018 (período de acompanhamento etnográfico com o grupo), aliada às concepções teóricas-metodológicas da História Cultural, e um diálogo com a etnografia. A pesquisa sobre estes homens ditos sacros da zona rural do município de Aurora (CE) está fundamentada em três tipos de fontes: fotografias, oralidade e recursos audiovisuais. Os penitentes são agricultores que possuem uma ligação a sua maneira com o divino e a sua comunidade, e entender as especificidades da Ordem da Santa Cruz é relevante para compreender as particularidades sócio-históricas em torno desse grupo e fazer uma análise dessa religiosidade. O papel desta monografia edificou-se através de três conceitos: identidade, memória e representação, como ferramentas relevantes para compreender essa religiosidade. Portanto, esta pesquisa foi um estudo direcionado aos penitentes nas esferas místico-religiosas, das práticas, das relações sociais e do campo simbólico, além de estimular possíveis respostas a algumas inquietações e problemas em torno desse objeto de pesquisa. Essa monografia é um estudo pautado em analisar o penitencialismo de Aurora (CE) através das particularidades, cosmogonias e relações sociais em torno dessas práticas.

Palavras-chave: Cultura. Representação. Religiosidade. Memória. Penitentes.

ABSTRACT

The present study is an analysis of the community of the Order of Santa Cruz of the Penitent from Aurora (CE) in the southern region of Cariri cearense. It is used the temporal cut between 2015 and 2018 (period of ethnographic accompaniment with the group), allied to the theoretical methodological conceptions of Cultural History, and a dialogue with ethnography. The research on these men said sacred of the rural zone of the city Aurora (CE) is based on three types of sources: photographs, orality and audiovisual resources. Penitents are farmers who have a connection in their own way with the divine and their community, and understand the specificities of the Order of the Santa Cruz is relevant to understand the socio-historical particularities around this group and to make an analysis of this religiosity. The role of this monograph was built through three concepts: identity, memory and representation, as relevant tools to understand this religiosity. Therefore, this research was a study directed to penitents in the mystical-religious spheres, practices, social relations and the symbolic field, besides stimulating possible answers to some concerns and problems around this object of research. This monograph is a study based on analyzing the penitentialism of Aurora (CE) through the particularities, cosmogonies and social relations around these practices.

Key-words: Culture. Representation. Religiosity. Memory. Penitents.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Terço de penitentes da ordem da Santa Cruz em Aurora, CE.	26
Figura 2 - Ritual de autoflagelação dos penitentes da ordem da Santa Cruz.	30
Figura 3 - Terço de penitentes da ordem da Santa Cruz em Aurora CE.	31
Figura 4 - Terço de penitentes da ordem da Santa Cruz em Aurora CE.	36
Figura 5 - Autoflagelação da Ordem da Santa Cruz, Aurora (CE).	49
Figura 6 - Autoflagelação da Ordem da Santa Cruz, Aurora (CE).	50
Figura 7 - O instrumento do flagelo denominado “disciplina”, da Ordem da Santa Cruz, Aurora (CE).....	50
Figura 8 - O êxtase de Santa Tereza - Bernini (1651).....	52

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	14
2.PRIMEIRO CAPÍTULO	20
2.1.OS PENITENTES DA ORDEM DA SANTA CRUZ E OS DIÁLOGOS COM O DIVINO: ENTRE DORES, BENDITOS E CLAMORES	20
2.2.OS PENITENTES: CONTEXTO HISTÓRICO E HISTORIOGRÁFICO.....	21
2.3.PRÁTICAS RELIGIOSAS: PONTES COM O DIVINO	25
2.4.O QUE DIZEM AQUELAS VESTES?	30
2.5.APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS: SERÁ OUTRO CATOLICISMO? OU NÃO?!.....	32
2.6.OS ESPAÇOS SOCIAIS E OS ENCONTROS	37
3.SEGUNDO CAPÍTULO	39
3.1.ANÁLISE DA ORDEM DA SANTA CRUZ: UM PERCURSO ENTRE SIMBOLOGIAS, CULTURA(S) E REPRESENTAÇÕES	39
3.2.CULTURA(S): ALÉM DE UM CONCEITO	40
3.3.SIMBOLOGIAS E REPRESENTAÇÕES: ALÉM DE FERRAMENTAS TEÓRICAS.....	44
3.4.AUTOFLAGELAÇÃO: AS SAGRADAS GOTAS DE SANGUE E A “PAIXÃO.....	47
4.TERCEIRO CAPÍTULO.....	55
4.1.O PENITENCIALISMO DA ORDEM DA SANTA CRUZ E O MEIO SOCIAL: LAÇOS, ESPAÇOS E ATUAÇÕES.....	55
4.2.O DESLUMBRE E O MEDO NAS NARRATIVAS MEMÓRICAS	55
4.3.DIÁLOGOS COM A COMUNIDADE DO SÍTIO SALGADINHO: UMA VIA DE MÃO DUPLA	60
4.4.ATUAÇÕES URBANAS: OUTRAS PARTICULARIDADES	63
4.5.OS ESPAÇOS SAGRADOS	65

4.6.OS PENITENTES: A VIDA PRIVADA E A PÚBLICA	68
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE	80
Apêndice A – Transcrição das entrevistas.....	81

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo é uma análise de uma comunidade de penitentes do município de Aurora (CE) denominada “Ordem da Santa Cruz”, localizada no Sítio Salgadinho no tempo presente (2015 a2018). A noção “tempo presente” possui ressalvas, primeiro esse recorte temporal tem como objetivo auxiliar nas discussões em torno das concepções envolvidas nessa pesquisa como memória e identidades. Destarte, o tempo presente não significa “temporalidade atual”, mas uma defesa entre alguns historiadores que legitimam o manuseio de temas do “presentismo”, ou seja, ainda atuais e distantes do que podemos chamar de “passado histórico”. Por isso conceitos como tradição, identidade e memória são importantes para o estudo de uma História do tempo presente. Muitos pares já fazem este tipo de História sem necessariamente se remeter ao conceito de tempo presente. Especialmente os historiadores que lidam interdisciplinarmente com a sociologia e a antropologia. Entretanto, a história não pode se afastar, dos seus planos diacrônicos e sincrônicos. É nesta relação que analiso esse tema na temporalidade preterida.

A análise das particularidades pertinentes ao campo da cultura, relações sociais, representações e simbologias que permeiam tal irmandade sagra é o sentido lato desta pesquisa. Para a escrita desta pesquisa fontes como fotografias, a oralidade e recursos audiovisuais foram essenciais para a edificação de um olhar histórico e etnográfico.

O penitencialismo possui em seu cerne uma apropriação e significação de um ritual proveniente da Igreja Católica Apostólica Romana (a “penitência”) perante um fato histórico um surto de cólera na região do Cariri cearense datado no imaginário popular como “longínquo”. Destarte, Oliveira Filho (2003, p.3) comenta que “o aparecimento desses grupos (e a intensificação de suas práticas) está intimamente ligado com o medo e o desespero gerado por catástrofes naturais, epidemias, interpretados como resultados da ira de Deus”.

Para Oliveira Filho (2003) esses grupos se multiplicaram, perpetuando na religiosidade através do discurso sócio-religioso como alternativa para apaziguar a raiva divina, por meio do clamor, a misericórdia e a salvação provenientes da entrega espiritual. Em vista disso, essa fé é fundamentada em uma crença na salvação para a

eliminação dos pecados, para as sucessivas súplicas ao Deus misericordioso e para a iminência de Juízo Final. Essas premissas unem esses homens em torno de um propósito, aliás, uma missão, que legitima a atuação e o espaço na religiosidade local.

Os penitentes, foco desta pesquisa, resguardam uma conduta de respeito, ética e supervisionamento proveniente do Decurião (nomenclatura do líder), o senhor Geraldo Caboclo, de 80 anos, residente da localidade. Este personagem é importante para a edificação desta pesquisa através dos seus relatos orais, e por meio de sua permissão (e colaboração) foi possível a minha aproximação com a Ordem da Santa Cruz.

Este senhor se comporta como uma espécie de líder da irmandade dos penitentes, e geralmente é o mais experiente do grupo, possuindo a função de orientador. Possui seus filhos, “compadres” e amigos na Ordem, e são todos agricultores com faixas etárias distintas. Esse sentido de Irmandade e os relacionamentos entre os membros e meios sociais é uma das abordagens dessa análise, assim como compreender suas práticas são significadas por eles e a comunidade rural, compreender esses nuances socioculturais é o objetivo principal desta pesquisa.

Há significativas modificações culturais e sociais dentro da comunidade, entre elas: a abertura para rezar na zona urbana e o seu reconhecimento pela mídia local. Uma nova configuração do grupo que outrora era mais apegado ao misticismo do resguardo de identidades e conduta ética/moral fechada. Nessa temporalidade atual (2015 á 2018), a Irmandade está mais aberta aos “olhares curiosos”, especialmente para pesquisas e o registro dos rituais por alheios.

Esses homens possuem um papel sociocultural importante na religiosidade aurorense. São grupos de agricultores que praticam um catolicismo repleto de especificidades que denotam misticismos, reelaborações e aproximações com anseios religiosos populares. Seus rituais apresentam dispositivos que justificam suas atuações em detrimento de uma missão, seja ela a limpeza de pecados por meio da autoflagelação ou clamar por misericórdia divina.

Segundo o escritor aurorense Tavares (1999, p.137) “os penitentes da cidade de Aurora (CE) eram grupos de homens que praticavam um relevante ritual na

quaresma”. Tavares provavelmente esteja mencionando o ato da autoflagelação quando se refere específico ao ritual da semana santa. É característica dos penitentes uma sincronia com o calendário católico e praticar esse ritual em consonância, e percebe-se também como o autor apresenta-os como notas de rodapé de um costume preterido como macro a “quaresma” e não o penitencialismo em si, que mesmo em sincronia com o calendário católico cristão realizam inúmeros rituais. Outra particularidade na assertiva é o pluralismo na afirmação “grupos”, na atualidade só há dois estruturalmente sobrevivendo.

Para Tavares (1999 p. 138), os principais grupos de penitentes aurorenses até a década de 1990 são “[...] o da Taboca, o do Bordão de Velho, o do Monte Alegre e o da Malhada Funda”, todos localizados em sítios aurorenses. Atualmente há resquícios desses antigos grupos na zona urbana, grupos isolados de penitentes que constantemente vinculam as ordens rurais quando estas se deslocam para a urbe (eles juntam-se a irmandade em detrimento ao ritual, porém não como membro efetivo). Entre suas especificidades estão as vestimentas que possuem aspectos distintos e o fato de não se unirem em uma “comunidade”, prevalecendo o penitencialismo individual.

Portanto, sobressaem apenas dois grupos bem estruturados coletivamente (estruturados em comunidade/irmandade/ordem) no meio rural. São eles: os penitentes do sítio Espinheiro e os penitentes analisados nesta monografia, a “Ordem da Santa Cruz”. A escolha por tal grupo fundamenta-se por essa inserção conquistada e desenvolvida constantemente a cada diálogo e observação do grupo, e estes últimos foram mais acessíveis e receptivos.

Ambos possuem, apesar das aproximações culturais, costumes distintos. Os penitentes em si são grupos heterogêneos. Generalizar práticas e experiências com o sagrado, mesmo com a raiz histórica e cultural perenes, é um ato nocivo ao campo da análise desta pesquisa. As práticas religiosas são plurais, exemplos observáveis, são suas relações com as comunidades, suas leituras sobre o “penitencialismo” e o sagrado que ora são díspares, sendo assim penitencialismos e não um penitencialismo, pois há singularidades para cada grupo.

Toda região do Cariri cearense possui inúmeras vertentes do penitencialismo. Os penitentes Peregrinos de Juazeiro do Norte CE atuam complementarmente de

forma divergente dos religiosos aurorenses, pois agem na mendicância e mais próximos dos preceitos franciscanos. Outros grupos da região são altamente “fechados”, e com alguns dogmas e condutas socioculturais diferenciadas. Essas características demonstram como tais práticas não são homogêneas.

No entanto, em sua maioria buscam fazer uma leitura do *catolicismo*, desvinculado da imagem da Igreja Católica oficial, que ora nega aspectos populares e ora deixa a margem, conseqüentemente, alguns “santos” de mesma característica (isto é, distantes dessa “oficialidade”) como Padre Cícero, Frei Damião e mártires locais. E ao mesmo tempo não negam o discurso religioso Católico “oficial e atual” que “lava - mãos” para o penitencialismo embaixo de suas asas.

Para os penitentes suas interpretações de outrora numa fé propagada pelo viés popular pela própria religião Católica, durante o período denominado romanização da Igreja, propagavam e perpetuaram por meio de sermões do Padre Ibiapina e seus pares a importância das penitências e até reforçam o sentimento de missão.

Pesquisar sobre os penitentes significa colocá-los na historiografia em um estudo que direciona tais personagens ao protagonismo. Este trabalho de conclusão de curso tem essa função: a de evidenciar um estudo histórico e cultural fundamentado em premissas teóricas, metodológicas e acadêmicas a um grupo colocado nas entrelinhas ou paliativamente narrado. A historiografia de Aurora (CE) tem que lançar olhares a sujeitos históricos que fogem ao ostracismo heróico-político.

Os penitentes permeiam o imaginário místico e religioso de comunidades rurais e no espaço urbano aurorense, e estão presentes com fortes signos na memória e na religiosidade. Porém, estão demarcados pela historiografia oficial do município como apêndice do Folclore, como Tavares (1999) detalha em sua obra “História e Folclore de Aurora”, apresentando tais religiosos como grupos vagos e com atenuantes de rituais importantes para a localidade. Estes religiosos possuem uma cultura pautada numa ética católica inerente aos costumes das comunidades, sendo uma justificativa relevante para este trabalho de conclusão de curso. É necessário reforçar que há ausência de uma historiografia sobre o tema.

Este trabalho é a busca em elucidar e expor premissas históricas, culturais e místicas destes homens sacros do município de Aurora (CE), que outrora eram grupos

abundantes no meio rural, e atualmente (a partir das últimas décadas) poucos grupos sobreviveram em um contexto histórico-social distinto. Os que ainda existem vivem ao alimentarem uma simbologia e importância religiosa permeando os campos da memória, da cultura, das identidades, da representação e da fé.

Segundo Certeau (1982), o historiador inicia sua labuta de uma questão que lhe desperta interesse, e o ambiente em que ele está inserido, geralmente é o que aguça o seu senso de pesquisa, o que ele denomina de “*lugar social*”. Nesse viés minhas memórias, encontros e desencontros com os penitentes são essenciais para compreender desde a escolha desse tema até a escrita desta monografia. Quantas madrugadas na zona urbana de Aurora (CE) fui acordado pela entonação das súplicas místicas dos penitentes em torno da estátua do Frei Damião, próximo da minha residência, fiquei deslumbrado, com medo e receio, sobretudo, curioso. Uma mistura de sentimentos diante daquilo que meu ser não conhecia e ao mesmo tempo se preservar nesta mística, caso perguntasse a alguém a minha volta, categoricamente todos diziam: são os penitentes é melhor você se aquietar.

Tais homens na minha memória eram tão sacros quanto aquela representação do santo em estátua e imagens. E as memórias sobre os penitentes são perpassadas por um ar de mistério, medo e angústias, e tentar analisar ou compreender um pouco essa religiosidade sacia essa sede por interrogações como pretensioso historiador.

As práticas, rituais e tradições aproximam as comunidades e reforça uma figura divina baseado na mística da “penitência” como purificador. É por reforço do temor e salvaguardar dos pecados que rituais e grupos de penitentes enraizaram na cultura, no meio social e na história do interior cearense, a ideia de donos de uma missão. Os penitentes aurorenses buscam preservar dogmas que ressaltam a imagem misericordiosa e também punitiva do sagrado, e em seus cânticos o clamor por perdão é um recurso constante.

Esta produção adentrou no campo místico, cultural, social e histórico da Ordem da Santa Cruz construindo uma pesquisa pautada em uma análise embutida em um olhar histórico e etnográfico a um grupo visto através de mantos de preconceitos ou excentricidade religiosa. Respeitar e valorizar tais simbologias e representações religiosas são essenciais no papel e inserção social desse pretensioso historiador/pesquisador e professor.

Este trabalho de conclusão de curso possui três capítulos que fazem um estudo sobre as particularidades culturais e históricas do objeto proposto. O primeiro capítulo intitulado: “Os penitentes da ordem da santa cruz e os diálogos com o divino: entre dores, benditos e clamores”, propõe adentrar nas discussões sobre as “práticas religiosas”, o contexto histórico e historiográfico construído e as especificidades dos Penitentes da Ordem da Santa Cruz. Nessa primeira discussão a historicidade do penitencialismo, os rituais e o grupo da Santa cruz é apresentado e analisado.

No segundo capítulo intitulado: “Análise da ordem da santa cruz: um percurso entre simbologias, cultura(s) e representações”, indo na esteira do anterior, adentra nas questões que envolvem os conceitos, a cosmogonia, a religiosidade e aspectos mais teóricos metodológicos para compreender a mística em torno dessas práticas, suas representações, relevância sociocultural, sua importância na consonância mística e religiosa da ontologia o ser penitente e carga cultural, messiânica e piedosa. Além de desenvolver um olhar etnográfico para a prática da autoflagelação.

O terceiro capítulo: “O penitencialismo da ordem da santa cruz e o meio social: laços, espaços e atuações, introduzem debates e análises sobre “a comunidade”, os espaços sociais, religiosos e políticos, laços e justificativas. Nessa parte as narrativas de medo, as memórias, identidades e os lugares sociais tecem leituras hermenêuticas sobre o penitencialismo, discussões sobre imagens, falas e lugares é o foco deste capítulo.

Portanto, para cada etapa descrita foram relevantes as simbologias, representações, relações sociais, a fé e as memórias que esses homens despertam na religiosidade aurorense. Os penitentes ativam muitos discursos e diálogos com o divino e com a sua comunidade, e um estudo como este não poderia abarcar todos os campos que os permeiam. Lanço, assim, interrogações, e busco preencher lacunas e germinar outras para futuros pesquisadores.

2. PRIMEIRO CAPÍTULO

2.1. OS PENITENTES DA ORDEM DA SANTA CRUZ E OS DIÁLOGOS COM O DIVINO: ENTRE DORES, BENDITOS E CLAMORES

“Pois que vantagem há em suportar açoites recebidos por terem cometido o mal? Mas, se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus”(1 PEDRO 2:20).

Iniciar uma monografia é algo usualmente sempre formal. Bem, peço licença às formalidades e normas acadêmicas. Começarei relatando uma experiência própria: *“O ano é 2015, numa madrugada de quarta-feira “santa” ouço barulhos que provinha da rua. Observo por brechas na janela do meu quarto o que aparentava ser pessoas cantando músicas da Igreja Católica que no costume denominamos “benditos”. Era um grupo de homens vestidos de mantas brancas, com cruzes vermelhas nas vestimentas e rostos cobertos caminhando pelas ruas com pouca iluminação. Nessa cena pairava um ar sinistro que ora seduzia ou causava medo. Eles oravam em tons altos alternando súplicas de misericórdia e temor a Deus. Minha mãe acorda e alerta: vai dormir menino, são os Penitentes! Vão rezar na estátua do Frei Damião. Lembro bem das seguintes interrogações: o que são Penitentes? Por quê? Penitenciam?”*

Assim surgem as inquietas indagações que adentram no campo acadêmico através das disciplinas de Projeto de Pesquisa no curso de História da UFCG/CFP. Inicia-se o percurso que me aproxima da comunidade de homens agricultores que possuem laços particulares com sua fé, resignificam seus mundos a partir de suas práticas e possuem representações de si e dos seus espaços sociais. O objetivo desta pesquisa é justamente compreender tais premissas. Eles são na sua maioria agricultores com idades heterogêneas, alguns são aposentados e outros semianalfabetos.

A princípio, para descrever os penitentes do Sítio Salgadinho tenho que realçar suas particularidades diante do outro grupo de penitentes de outra localidade de Aurora (CE), os penitentes do Sítio Espinheiro. Estes últimos não possuem práticas recorrentes na urbe e são mais “fechados” ou/e “isolados”.

Analisar algumas práticas religiosas dos penitentes é conhecer as suas relações, costumes e especificidades. No Cariri cearense os plurais grupos de penitência são

denotados de misticidade, seja pela relevância de uma fé resguardada de mistérios ou por despertar anseios como o medo. Estão presentes na historiografia por meio das esferas das representações (suas respectivas abordagens e contribuições para as análises), memórias (relevantes para narrativas e as identidades) e religiosidades através de signos fortes e enraizados como Cultura (termo amplamente discutido). Outras abordagens convergem na resignificação e reapropriação dos discursos religiosos da Igreja Católica.

Esta monografia também se beneficia destas discussões historiográficas, porém introduz neste vasto campo esta pretensiosa produção historiográfica, com perspectivas baseadas na apresentação e análise das práticas neste capítulo. Da mesma forma que cada produção sobre os diversos penitentes da região sul cearense são múltiplas, a singular ordem da Santa Cruz também é plural.

Neste primeiro capítulo é edificada uma análise das práticas religiosas e como tais rituais funcionam como uma maneira própria de diálogo com o divino. Outra especificidade deste momento é salientar as particularidades do grupo estudado, através de suas vestimentas, postura social, sua historicidade, perante a historiografia e experiências com o sagrado.

2.2. OS PENITENTES: CONTEXTO HISTÓRICO E HISTORIOGRÁFICO

No campo historiográfico, os penitentes da região do Cariri cearense são abordados em um complexo olhar que prisma por uma unidade entre tais grupos. Na maioria das produções busca-se explicar o fenômeno penitencialismo em sua totalidade. As particularidades raramente surgem ou são ativadas como um suporte importante nos primeiros escritos (e atuais) nas produções de cunho historiográfico.

As primeiras descrições documentadas sobre o penitencialismo na região carirense remontam aos relatos de viagens de pesquisadores que percorriam o sul cearense para estudar a fauna e a flora local. Em seus relatos surge o fascínio e temor aos flagelos dos penitentes nos seus caminhos. Nobre (2011) estuda esses relatos de viagem realizados em 1859 para desenvolver análises sobre tais movimentos religiosos no contexto narrado pelos viajantes em seus diários de campo. Como exemplo, estão os escritos de um membro da expedição, Frei Francisco Alemão. Ele

(viajante/pesquisador da fauna e flora) relata em seu diário rituais de penitências “[...] então contou-nos o Sr. Machado (que dava comida) que são homens e mulheres que se metem no coro, fechados e cobertos os rostos com lenços, e ali disciplinam a fazer sangue, que suja o coro e o torna fedorento” (ALEMÃO, 1859 apud NOBRE 2011, p 6). O viajante em seu relato resgata um leque em seu relato demonstrar aquilo que presenciou, marcados por ele por signos de fanatismo, excentricidade, desconhecimento e alheio aqueles rostos cobertos a sangrar.

Nobre (2011, p.2) afirma sobre o penitencialismo:

Imerso nesse caldeirão de crenças, o penitencialismo seria uma das marcas principais dessa religiosidade ligada ao catolicismo luso, de forte matriz barroca, que constituiu nos seiscentos os principais elementos que comporão a construção de identidades culturais nos trópicos. Esse catolicismo ibérico ou luso, como chamamos, é, por sua vez, herdeiro de uma tradição contra-reformista que inseriu em suas práticas elementos que reforçaram a hierarquia, mas que por outro lado, também intensificaram o uso de elementos lúdicos na sua linguagem provocando a emergência de novas sensibilidades: O lado de espetáculo, com ênfase no visual, foi introduzido tanto no espaço religioso – a exuberância das procissões comemorativas dos dias-santos e dos enterros – como no campo político.

Nessa situação, Nobre salienta que o penitencialismo presenciado e marcado em tais viajantes pesquisadores (Frei Alemão dedicou citações a tais atos religiosos em seus diários) é um encontro ou fruto de diversas perspectivas históricas como a contrarreforma Católica, as tradições lusas que encontraram solo fértil no interior do sertão e as particularidades que denotaram uma apropriação no Brasil (em recorte mais micro na região sul cearense) que adentram nos campos da cultura, religião, sociedade e política.

De acordo com relatos do viajante analisado por Nobre (2011, p.6), “em sua passagem pelo Cariri cearense, Freire Alemão anotou diversas práticas religiosas que lhe chamaram atenção. Talvez, a mais relatada tenha sido a prática penitencial da autoflagelação”.

E sobre o flagelo do corpo (e dos pecados) Nobre (2011, p. 6) completa:

O ritual provocava terror aos que ousavam assistir. O espetáculo de sangue era repetido quase que semanalmente e representava a luta entre os desejos e a negação do corpo. De fato, se tratava de uma imitação do exemplo de Cristo, especificamente, da imitação de Sua Paixão. O que constituía essa experiência era um transbordamento dos

sentidos, onde o sofrimento corporal era o canal de expiação dos pecados.

O ritual de autoflagelação é repleto de signos: aproximação ao ato de Cristo, limpeza da carne e repulsa aos pecados. Sangrar-se é um ato além da dor, é um clamor a um Deus que se mostra por meio do sacrifício. Aproxima-se Dele quem se sacrifica. Sacrifício e penitência são sinônimos aqui. Entender a autoflagelação é compreender o que Nobre (2011, p.6) diz na citação acima: “[...] imitação de Sua Paixão”.

O campo simbólico pregado pelos padres e religiosos no século XIX era marcado pelo discurso em prol da salvação da alma, e para isso expurgar os pecados seria uma maneira viável para “limpar” tais corpos pecadores. Os penitentes possuem uma leitura apropriada desses discursos até o tempo presente.

Junto ao fascínio pela autoflagelação e pelo penitencialismo como representações da aproximação do sagrado através do sacrifício, assim como Cristo fez, havia as pregações de líderes religiosos como o padre José Maria Pereira Ibiapina, que reforçou a iminência da purificação dos espíritos através das penitências diante do risco dos fins dos tempos. Tais elementos simbólicos e representações na atualidade são resignificados por comunidades, a exemplo, a Ordem da Santa Cruz.

Os Penitentes de Aurora (CE), assim como os demais grupos remanescentes na região usam e adéquam a sua realidade às premissas sociais, culturais, os códigos e as práticas. Delimitar as características dos grupos aurorenses e como surgiram me faz recorrer ao contexto já apresentado como misto de apropriações de discursos proferidos outrora pela Igreja Católica, como a purificação e a missão divina da salvação sua e dos outros. Essa ideia fomenta práticas penitenciais como jejuns e a autoflagelação, aliado às particularidades de cada comunidade.

Todavia, os penitentes aurorenses, segundo Tavares (1999, p.138) são grupos que “[...] se autoflagelavam com a “disciplina”, que é uma correia com três lâminas na ponta com quem cortavam as costas [...]”. Para caracterizar os penitentes o autor foca em um ritual específico para delimitá-los. Como se a prática da autoflagelação por si bastasse para explicar o que é ser “penitente”. Como se a correlação fosse sinônimo. Como se o principal ritual (autoflagelação) por si fosse um exercício de ontologia.

Obstante, Tavares (1999) também mapeia os grupos de Penitentes no tempo presente (entre 2015 a 2018). Trata-se de três grupos grandes na ocasião: sítio Taboca, sítio Bordão de Velho e o sítio Malhada Funda. Curiosamente não salienta grupos do Espinheiro e Salgadinho, pois eram grupos menores até então, e que atualmente são os únicos que restaram no município.

Na historiografia em torno da temática alguns recortes, teorias, análises e pesquisas possuem um fio condutor entre tais produções, e como exemplo eminente está o diálogo com a etnografia e a História Cultural. Machado (2014, p. 16) faz uma rápida apresentação das principais produções sobre o penitencialismo:

Dei início à busca por bibliografia e fontes sobre a penitência e seus praticantes. Ao fazer algumas leituras, pude perceber que havia uma escassez de trabalhos sobre essa temática e que os mesmos se concentravam na região do Cariri. Entre os principais trabalhos estão: *Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão* (1859); *O Cariri* de Irineu Pinheiro (1950)⁴; *O folclore no Cariri* de J. Figueiredo Filho (1962); *Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/CE*(2010) de Cícera Patrícia Alcântara Bezerra; *Sob o signo da Fé e da Mística: Um estudo das Irmandades de Penitentes no Cariri Cearense* (2011) de Anna Christina Farias Carvalho e *O Coro dos penitentes: Uma abordagem para o ensino da Arte* (2001) de Sandra Nancy Ramos Freire.

A mesma angústia e necessidade que Machado (2014) tinha em sua dissertação de mestrado¹ também encontrou na busca de referências, e detalhe sua pesquisa não é historiográfica, foi inerente a esta pesquisa, o que possibilita diálogos que deixe bases a mesma. Ela utiliza essa área (historiográfica) para fundamentar sua pesquisa e no mesmo raciocínio utilizo sua obra como referência relevante. No entanto, esse pequeno e rico campo está se expandindo. Grandes pesquisadores, produções e pesquisas estão fertilizando o solo seja para essa e outros escritos que venham somar a produções historiográficas (ou outras).

Outro detalhe que funciona como fio condutor nesta historiografia está o subterfúgio de conceitos recorrentes como: representações, memória, lugar social, identidades, misticismo, catolicismo. Tais categorias ajudam, além de teoria e metodologias, na compreensão dos grupos em variadas óticas.

¹Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural, Barbalha CE, 2014.

Portanto, nesta breve e necessária apresentação da História e historiografia em torno dos penitentes diante a ótica de dois autores é importante demarcar que na historiografia sobre os penitentes há dois momentos. No primeiro está aquele já exposto: “[...] sendo alvo de narrativas no século XIX por memorialistas, viajantes e, posteriormente, em meados do século XX, por intelectuais que estudam o Cariri” (MACHADO, 2014, p.35), e o segundo momento está a “penitência só será vista com outro olhar a partir da década de 1970, ao passar por transformações significativas. Sua associação ao fanatismo religioso progressivamente deu lugar à sua representação como manifestação da cultura popular” (MACHADO, 2014, p.50). Aqui fica explícito que não podemos confundir discussão historiográfica com o desenvolvimento e resignificações da prática dos penitentes.

Na primeira leva de produções sobre os penitentes bebem na fonte da história pautada em escritos como registro, positivista e memorialista que desenvolvem trabalhos pautados nos conceitos de folclore e fanatismo, e na segunda leva (pós 70) lidam com a abertura de novos diálogos da História com outras áreas, como a antropologia, capaz de proporcionar outros nuances como cultura, representação, história oral etc.

Para compreender a historiografia, e, portanto também a História dos penitentes, é importante analisar esses dois períodos, e entender o segundo momento (atual) nos estudos sobre o penitencialismo que bebem na fonte do diálogo da História e da Antropologia, da História oral e da Nova História Cultural.

2.3. PRÁTICAS RELIGIOSAS: PONTES COM O DIVINO

Não obstante, nesse momento a apresentação das práticas religiosas é um recurso indispensável para edificar uma análise de caráter histórico e etnográfico. Os principais rituais dos Penitentes da Ordem da Santa Cruz são: *alertais* (um terço católico acompanhado com benditos), autoflagelação, novenas, rezas em lugares como cemitério, espaços ermos, cruzeiros, estátuas de santos, casas de populares, sentinelas e orações para agradecimento de graças ou fazer pedidos. Estes rituais encontram persistências, resistências e atuações através da comunidade que acredita em tais práticas religiosas.

A ordem da Santa Cruz realiza rituais na zona rural e na urbe de Aurora (CE). Eles transitam nestes dois espaços sociais. No entanto, na cidade (zona urbana) esporadicamente ocorrem poucos encontros e rituais, pois o deslocamento requer disposição de todos os penitentes e na sua maioria alguns são idosos. Acompanhar e fotografar de perto um ritual de penitencialismo requereu um entrosamento com o Decurião (espécie de líder) do grupo.

As práticas dos Penitentes são baseadas no calendário da Igreja Católica, ou seja, respeita as festividades e cerimônias religiosas católicas. A oportunidade de registrar o terço se faz na “Semana Santa” ou em celebrações solicitadas por pessoas da comunidade ou datadas pelo cristianismo católico.

Através de uma graça alcançada pela esposa do Decurião, este com seus demais frateros realizaram um ritual de agradecimento a “Mãe das Dores” e Padre Cícero. Fui convidado para presenciar e registrar tais atos religiosos. Saliento nessa observação queo período de orações iniciou-se no crepúsculo e percorreram toda a madrugada, súplicas, agradecimentos misturados com orações e benditos fundamentaram o ritual. Esse ritual ocorreu na casa do Decurião, e foi fundamentado no alcance de uma “graça” alcançada pela moradora, esposa do líder da ordem.

Na ocasião, o sentimento de gratidão foi o cerne condutor das práticas sempre regradas de um reforço do agradecimento da pessoa que fez a promessa ou alcançou alguma “graça”. Os penitentes funcionam nesse caso literalmente como uma ponte com o sagrado. Os terços dos penitentes possuem esse significado de agradecimento e purificação, e constantemente também oram em cerimônias de “renovação”, que simplesmente é um ato de limpeza espiritual de uma residência da comunidade.

Figura 1 - Terço de penitentes da ordem da Santa Cruz em Aurora, CE.



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Observa-se na fotografia (Figura 1) o senhor á frente dos demais. Ele é o Decurião, o líder espiritual do grupo; aos demais, as vestimentas são homogêneas e o não uso das vestes não configura uma barreira para a participação no ritual. No altar, o padre Cícero divide espaço com a Nossa Senhora de Aparecida e, acima destes, encontra-se um quadro com a Nossa Senhora das Dores (santos do catolicismo oficial ou não dividem espaços e orações de forma igualitária). Este ritual perdurou toda a madrugada adentro como se a exaustão e as sucessivas súplicas, pedidos, agradecimentos e desejo de misericórdia criassem uma espécie de aproximação ou vínculo com o divino.

Os penitentes de Aurora (CE), especificamente a da Ordem da Santa Cruz em estudo, tem características que diferem das demais comunidades na região do Cariri cearense. Alguns penitentes carirenses fazem mendicância, atos públicos a luz do dia e outros carregam cruzeiros. São características díspares, mas unidos pelo discurso próprio entre todos pautado sobre purificar os corpos, resguardar para o fim do mundo e a salvação.

Na cidade de Porteiras (CE), na mesma região, o penitencialismo é fortemente marcado pelas premissas que também aproximam com os signos sociais e atuações religiosas dos penitentes de Aurora (CE). Santos (2012, p.28) diz sobre os penitentes de sua região:

O sentido da penitência do homem cristão para com o sagrado possui razões complexas, profundas e arraigadas no cerne do Cristianismo, no qual o sofrer assume um papel de redenção e alívio do espírito, pois os escritos considerados sagrados pela doutrina apontam que o Deus Filho se entregou ao sofrimento, provocado pelos homens na terra, para amenizar os pecados do mundo e salvar a humanidade do mal.

Ser penitente em Aurora (CE) ou em Porteiras (CE) é uma ontologia realmente complexa, pois campos da representação, da religiosidade, da cultura e do simbolismo são inerentes a tais atos, e estes estão reinterpretados ao longo das épocas, chegam ao nosso tempo presente guardando e elaborando novas leituras de mundos ou mesmo guardando releituras a eles ofertadas. A ideia do sacrifício do corpo é demonstrar-se a partir da entrega pela dor à misericórdia divina.

Precisamente, a missão pode surgir do estranhamento causado seja pelo factual distanciamento entre o sagrado e os homens viam pecado, ou tentar ligar-se ao divino à

sua maneira, negando o pecado e, conseqüentemente, o mal. Purificar-se como um meio e a salvação como o fim/ a missão. Portanto, esse medo do distanciamento com o sagrado faz da penitência um recurso apropriado, pois o próprio Deus o fez por meio de seu sacrifício.

Todavia, os grupos remanescentes no Cariri cearense guardam especificidades distintas, pois em cada localidade o ser “*Penitente*” tem seus lugares perpetuados através das particularidades. Um Penitente Peregrino Público de Juazeiro do Norte (CE) não se comporta igualmente aos Penitentes de Aurora (CE), Porteiras (CE) ou Milagres(CE). Há uma pluralidade encontrada e analisada pela historiografia que busca em cada lugar ressaltar suas singularidades. Aurora (CE) possui o exemplo clássico, pois possui dois grupos que diferem entre eles, desde as vestimentas, a localidade e os costumes.

Os penitentes do sítio Espinheiro realizam seus atos assegurados no carregamento de uma cruz de madeira, e a Ordem da Santa Cruz, não. São potencialidades como estas as discutidas e analisadas entre os pesquisadores dessa área.

Outra particularidade entre os Penitentes da região é a forte relação que eles mantêm com santidades em comum e de caráter popular, como por exemplo: Padre Cícero, Frei Damião, Nossa Senhora das Dores e São Francisco. No entanto, assim como as particularidades entre as práticas, há incisões de outras entidades, a exemplo dos recorrentes casos de mártires.

Santos (2012, p.31) tece um paralelo importante entre a Rufina, uma mártir local, com os Penitentes de Porteiras (CE):

Dessa maneira, a população não deveria esnobar e tampouco acompanhar ou presenciar os rituais. Assim sendo, quando de suas passagens, deveria fechar as janelas e apagar as luzes, como forma de se preservar. Todavia, o medo das vozes que ecoavam e o receio do sobrenatural eram relevantes. Semelhante à narrativa poética citada anteriormente, na qual o som das vozes era primordial para identificar os penitentes, entre os devotos da Santa Cruz da Rufina era o som que ecoava, nas madrugadas, que fazia rememorar as trajetórias dos penitentes em sua direção.

Destarte, os penitentes aurorenses possuem também forte ligação com a cultuação de uma “santa”, a *mártir Francisca*, como se o ato de martírio assim como o ato de penitenciar-se configurasse como via com o divino. A mártir Francisca, assim

como a Rufina, foram moças que sofreram crimes cruéis, passaram por um processo de martírio, não de caráter religioso, mas social (negação da morte e da elevação do espírito pela dor e o sacrifício). Apesar de não ser o mote dessa pesquisa, é importante apresentar com maior cuidado estas mártires. Elas serão recorrentes nos demais capítulos.

As memórias salientadas por Santos na citação compreendem como a população comporta-se diante das peregrinações dos penitentes rumo ao cruzeiro da Rufina. Isso acontece em Aurora (CE), quando os penitentes estão indo rumo ao lugar do martírio da Francisca ou fazer preces nas estátuas do Padre Cícero ou Frei Damião na localidade.

No tocante ao ritual, outros recortes chamam atenção, por exemplo, o lugar social que as mulheres possuem no penitencialismo, adoração do sagrado feminino é valido no altar encontra-se “A mãe das dores e Nossa Senhora Aparecida”, porém o feminino não, além de não possui espaços atuantes na ordem. Algumas ordens na região têm mulheres como integrantes ou observadoras (expectadoras dos rituais) do penitencialismo. Em Aurora (CE), os penitentes não permitem espaços e atuações femininas nos grupos e nos rituais, nem como meras observadoras.

No ritual que presenciei, as mulheres da casa ficam resguardadas na cozinha, separadas por uma cortina fixada na porta da sala para não observar os rituais. Assim como olhares curiosos são dispensados pelos penitentes e preferem a solidão na hora dos atos, o feminino também é apartado.

A mulher no imaginário religioso cristão é lugar do profano, do desejo e do pecado. A esse costume, soma-se a imagem dos doze apóstolos de Cristo, característica na qual os penitentes fundamentam a predominância masculina. Tais penitentes sentem-se como representantes daqueles seguidores do divino, e seus corpos são ofertados ao sagrado assim como a hóstia é oferecida na missa.

Diante das inúmeras práticas ritualísticas e místicas dos penitentes, de longe a autoflagelação tornou-se o maior alvo de curiosidades. Os atos das autoflagelações ocorrem com auxílio de uma ferramenta denominada por eles como “disciplina” (este nome carrega um leque de representações em si) e geralmente ocorrem nas sextas-feiras Santas, pois é perante a paixão e o sofrimento de Cristo, o inciso de se penitenciar tornar-se forte e necessário para eles.

Figura 2 - Ritual de autoflagelação dos penitentes da ordem da Santa Cruz.



Fonte: Silva (2011).

Observa-se na Figura 2 o sangue como resultado de um sacrifício válido para eliminar os pecados e garantir a salvação. Autoflagelar-se é uma prática tão simbólica e mística quanto sua dor possa proporcionar. Este exercício está em declínio entre os penitentes. Às vezes se resume a poucos do grupo que se submetem por causa do peso religioso do ato ou mesmo entre os mais “ortodoxos” (termo colocado como regaste de uma radicalidade).

Machado (2014, p. 51) compreende que no penitencialismo há três categorias de práticas: orações, benditos e açoites. Para ela: “Os benditos se caracterizam pela oralidade [...] As orações que rezam são geralmente aquelas contidas no terço, sendo todos eles católicos. O autoflagelo consiste no ato de mutilar-se com objetos cortantes, como o cilim e o cacho da disciplina”.

No entanto, há rituais que não entram nessa simples e didática caracterização como as renovações, as caminhadas e as vigílias. Portanto, as práticas religiosas dos penitentes possuem muitas características e nuances que vão destes aspectos sociais, culturais e religiosos. São práticas que também transformam e/ou são releituras em cada lugar, período e grupo. As práticas são tão ricas e plurais quando a comunidades de penitentes.

2.4. O QUE DIZEM AQUELAS VESTES?

As vestimentas dos Penitentes aurorenses são dotadas de particularidades e significados. A imagem de um penitente é carregada de simbologias e representações do

que acreditam e vivem na carne. Exteriorizar-se através das vestimentas é um recurso sociocultural perene aos humanos. Entre as duas comunidades que praticam penitencialismo em Aurora (CE), as roupas divergem em alguns aspectos, assim como premissas e práticas.

Analisando numa forma macro a região do Cariri cearense, as vestimentas como reflexo das práticas religiosas são bem heterogêneas. Os penitentes peregrinos de Juazeiro do Norte (CE) usam do azul e branco em suas roupas, como apego a Nossa Senhora das Dores. A cor em questão simboliza pureza e possuem aspectos do vestuário dos frades franciscanos.

Há grupos que usam preto e branco, ambas as cores em sincronia com a morte e o luto; branco e azul, as cores maternais/marianas; vermelho e branco, as cores do sangue e a paixão de Cristo. Os penitentes aurorenses usam vestes brancas com cruzes vermelhas, capuz, alguns usam ao pescoço a ferramenta da “disciplina” e um cordão na cintura denominado “cordão de São Francisco”.

Figura 3-Terço de penitentes da ordem da Santa Cruz em Aurora CE.



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Na Figura 3 observa-se que na comunidade da Ordem da Santa Cruz as vestes não são padronizadas, pois como num ato artesanal os próprios penitentes cuidam de suas roupas. Para fugir dos olhares curiosos eles andam com bolsas, mochilas e sacolas com suas vestimentas. Para vestir tais indumentárias se reservam num caminho ermo, numa estrada de terra e lá em grupo todos passam pela metamorfose representada em suas imagens/identidades e se tornam “os penitentes”.

No ato de ir ao local todos se dirigem em silêncio, e quando iniciam a preparação começam seus benditos, e suas vozes ecoam na madrugada. Com velas e

rezas percorrem o caminho ao lugar do encontro marcado. Tais experiências são recorrentes não apenas nas práticas religiosas que presenciei. Quando os penitentes se deslocam no espaço urbano, os penitentes uniformizam-se (ato de vestir a mesma vestimenta e de estarem juntos) na casa da filha do Decurião. Esperam a chegada da madrugada para iniciar seus atos. O encontro para trocar de vestes também é um ato social.

Outro detalhe que merece atenção entre as especificidades do grupo do sítio Salgadinho, além ser um grupo aberto ao espaço urbano, aos observadores/pesquisadores, membros participação de resquícios de antigos grupos do município, o não uso das vestes também não é um requisito primordial para os atos (os laços pertencimentos são maiores) adicionado ao costume de atenderam aos pedidos de rezas e rituais na urbe.

Os Penitentes quando retiram suas vestimentas outra metamorfose acontece e agora configura no encontro de homens que falam dos seus roçados, da vida social, e outros assuntos variados. Além de uma experiência religiosa, o penitencialismo para aqueles homens é um espaço social. Culturalmente seus encontros acabam em cafés, chás, bolos, conversas sobre chuvas, estiagem e fé.

2.5. APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS: SERÁ OUTRO CATOLICISMO? OU NÃO?!

O que os penitentes praticam é um Catolicismo apostólico Romano? Um catolicismo popular? Um catolicismo proveniente de um passado longínquo? Entre tantas interrogações, algumas também se baseiam em concepções em torno do penitencialismo professado como uma fé fruto do seu meio social laico (independente criou outras raízes) carregada por uma herança advinda da Europa e cria Igreja Católica ou de líderes religiosos marcantes etc.

No entanto, a elaboração e o sentimento de pertencimento perpetuam suas práticas no campo social, cultural e religioso, interligando as suas representações, salientando que Chartier (2002) em História Cultural: práticas e representações, elaborou o conceito de representação como um abstrato que significa realidade. Os

penitentes constantemente estão em uma linha tênue entre o catolicismo oficial e a que eles praticam, entre representações e práticas.

Esses homens estão no convívio clerical ao mesmo tempo reclusos nos seus costumes e tradições. Suas práticas adentram numa realidade que para eles ainda se justifica. Alguns são ativos na Igreja Católica local, participam do “Terço dos Homens”, entre outras Irmandades clericais.

Para eles há um diálogo direto na relação do ser católico e do ser penitente, e suas inserções em espaços da Igreja conversa com suas missões, mesmo que na oficialidade a “Igreja” negue ou desvie o olhar para suas práticas religiosas. Oliveira Filho estuda a relação penitente-Igreja, e comenta como é a convivência entre Penitentes de Juazeiro do Norte (CE) e a Igreja Católica, ambos em espaços distintos e com diálogos que ora divergem, ora se chocam.

Outro desdobramento analítico que a narrativa possibilita é pensar na relação do grupo com a Igreja Católica. Existem relatos de que o Mestre José, após a celebração da Missa fazia uma pregação forte em frente a Igreja cujo um dos principais focos era alertar aos padres e demais membros da celebração o caminho errado que eles estavam seguindo. Além disso o primeiro Mestre também profetizava o iminente “fim dos tempos”. Essa tradição foi, de certa forma, conservada pelo penitente João José que também profere esses sermões, que são feitos à revelia da vontade da maioria dos padres e que, segundo o penitente, causam certo desconforto para aqueles que não desejam ouvir seu alerta (OLIVEIRA FILHO, 2016, p. 9).

Os Peregrinos de Juazeiro do Norte vivem um embate diário entre a oficialidade e o que acreditam. No entanto, no caso de Aurora (CE), os penitentes são negligenciados, esquecidos ou não falados por conveniência da Igreja Católica, seja por negar esses atos como relevantes, ou por não distanciar esses homens da igreja, em sua maioria integrantes dessa fé.

Suas relações com a Bíblia, por exemplo, são um subterfúgio para suas práticas, as dores de Jesus em paisagens e o temor do fim do mundo estão presentes nas ladainhas, ou seja, não negam as passagens sacras, pelo contrário elas são reafirmadas de acordo com suas leituras. Reforçando que esses homens são os mesmos que assistem periodicamente às missas, e por consequência, escutam os sermões e histórias bíblicas, isso explica a maioria mesmo semianalfabetos compreendem a sua maneira as escrituras.

Em vista disso, a origem ou afirmação dos atos do penitencialismo foi um discurso advindo da própria Igreja Católica, que fortaleceu tais práticas religiosas, a denominado período de romanização. Outro debate é realizar uma discussão historiográfica e como há um hibridismo religioso nos atos sacros dos penitentes. Portanto, há outras práticas religiosas que ora já não catolicismo oficial e ora não nega a relevância da igreja, sobressair um híbrido.

Líderes como Padre Cícero e Padre Ibiapina disseminaram tais ideias de purificação e uma retomada de uma “ortodoxia da Igreja” (compreende-se como radicalidade de um puro catolicismo romano). Segundo Machado (2014, p. 31): “Entre as principais missões ocorridas no Nordeste, são destacadas pela historiografia as missões do Padre Ibiapina”.

Sobre a romanização, Bezerra (2010a, p. 6) diz:

A Romanização do catolicismo brasileiro em meados do Século XIX foi marcada por uma política de reorganização religiosa, centralizando seus propósitos na obediência a Roma e rigidez das atitudes, buscando então substituir o catolicismo popular ligado particularmente às tradições lusitanas, de caráter devocional e místico, pelo catolicismo “universal” Romano, com ênfase em seus princípios hierárquicos, morais e doutrinários de extrema rigidez.

A rigidez pregada pela Igreja Católica que enfrentava o avanço das ideias de Lutero no Período Moderno ainda figura no imaginário dos penitentes a negação e visão negativa do protestantismo, sobretudo, foi dessa romanização (ou seja, unificar o que Roma pregava) voltava a moda tornar-se mais próximo do vaticano, e se apegam a ideia teológica da salvação de suas almas através do sofrimento. Outra especificidade era o medo disseminado pelos padres, no século XIX, sobre o fim eminente do mundo e a condenação dos pecados, justificando-se pelas práticas destes homens e suas crenças na contemporaneidade.

Para Carvalho (2007, p. 62), “tais práticas e rituais nos levam a pensar num conceito de *catolicismo diferenciado* como forma de denominar esse campo do sagrado que transita entre a fé e a mística, materializadas através da reelaboração de práticas e rituais instituídos.” Para a pesquisadora a terminologia diferenciada é um refúgio entre a fé e o místico que os penitentes figuram.

Na historiografia sobre os penitentes, ora o catolicismo é reformulado, ora algo diferenciado, ou mesmo visto por meio da ótica da “ortodoxia (radicalidade)” *versus* “laico (a parte)”; como se a fé desses homens sacros não fossem algo frutificado no meio sociocultural e deles apenas pertencesse essa dicotomia e conflito, em diversas esferas há essa luta entre ideias a princípio contrárias. E sobre isso é importante mencionar que não seria tal fé um catolicismo, mas seria outra fé. Os penitentes não questionam essa dicotomia valorizada na historiografia, pois para ele independente dos adjetivos, sua fé é católica.

Outra ideia presente nos estudos é a construção do conceito de “catolicismo laico” como uma forma de afirmar que é uma religiosidade que sobrevive externamente ao cristianismo católico. Dessa forma, a historiografia regional/local tende a conceituar as práticas de penitencialismo entre os moldes que diz respeito mais ao que o historiógrafo idealiza sobre os penitentes (recorrentes signos como fanatismo) do que realmente essa fé se propõe e/ou é configurada.

Oliveira Filho (2016, p.26) menciona sobre essas termologias:

Ao substituir aqui os termos *catolicismo popular* e *cultura popular* pela denominação *catolicismo laico/penitencial* não estou me esquivando dessas “amarras” conceituais, penso, ao contrário, que estou “estreitando” o campo de análise para um lugar menos homogeneizante. Um dos papéis do historiador, enquanto *perito* é incluir a experiência e a tradição no debate acadêmico utilizando-se das ferramentas conceituais que dispõe.

O pesquisador atenta ao que denominam de “amarras”, as termologias conceituais, sobre o tipo de catolicismo pregado pelos penitentes. No entanto, utiliza e escolhe uma ferramenta de acordo com seus anseios de historiador.

Atento como historiador que essas práticas já não são Catolicismo Romano Oficial, diferenciado, popular ou qualquer outro conceito utilizado para demarcar tais práticas da religiosidade. O penitencialismo é apenas em si outra fé que é elaborada a partir de premissas e vivências próprias, e já não é o catolicismo pregado pela Igreja. Mas qual é o catolicismo que é pregado? Todas seguem suas realidades locais. São resignificações, re-apropriações populares. Não vejo muito fundamento nesta discussão. é mais interessante estudá-las em sua estrutura social, mais do que ficar informando se é

uma prática “oficial” ou mais próxima do “oficial”. É algo único, próprio e fruto das experiências. E mesmo assim não deixa ser católico, é uma releitura.

Um culto que mescla anseios populares que não adentra no circuito oficial católico, como também sincroniza Padre Cícero com a Mãe das Dores em seus clamores, orações e altares, algo não visto dentro do templo católico oficial, o penitencialismo, ou melhor, suas práticas saciam essa necessidade religiosa.

A relação com a Igreja católica com os penitentes, assim como a relação do penitencialismo com o catolicismo independentemente do adjetivo atribuído a essa relação, ambas vivem em sincronia e simbiose, sim ao mesmo tempo o padre (líder religioso local) faz vista grossa a essa religiosidade ele aproxima os penitentes da Igreja. Ambos sobrevivem em harmonia em Aurora (CE), e essa é uma característica dos penitentes aurorenses em si, diferentemente do conflito diário entre os penitentes de Juazeiro do Norte e a Igreja, já mencionado nessa monografia por Oliveira Filho em sua citação.

Na imagem abaixo, visualiza-se um “terço” dos penitentes da Ordem da Santa Cruz. E observando-se detalhadamente há uma cruz posta sob o altar com padre Cícero e Nossa Senhora Aparecida. Essa cruz é carregada em todas as peregrinações e rituais do grupo. Simboliza o sacrifício do divino.

Figura 4-Terço de penitentes da ordem da Santa Cruz em Aurora CE.



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

No altar na imagem está o Padre Cícero entre entidades sacras, um lugar de total prestígio, diferente da Igreja que renega tal santidade. Até que ponto o penitencialismo

também configura um espaço onde renegados podem ser venerados com a mesma veemência dos oficiais. Outro exemplo, bem mais local e já citado é a mártir Francisca, cultuada em seu lugar de martírio, ou nas estátuas do Frei Damião no município.

O apego a figuras como Padre Cícero, Padre Ibiapina e Frei Damião são frutos de uma mescla de valores culturais que tornam o penitencialismo numa rica experiência religiosa. Para os penitentes aurorenses seus valores e crenças culturais não afligem ou atacam sua vida religiosa dentro da Igreja Católica. Para eles os choques entre ambas as esferas mais dialogam do que se anulam.

Independentemente das nomenclaturas conceituais que tentem explicar o fenômeno religioso do penitencialismo, a terminologia “catolicismo” é uma ferramenta relevante, porém não sacia todas as interrogações e nem suas categorias: popular, oficial, leiga, outro e novo. A fé dos penitentes são construções sociais que há muito tempo se distanciou do que diz a Igreja, porém ainda bebe desta fonte como uma justificativa de existência. Também me pergunto se houve esse distanciamento? Portanto, resumidamente a assertiva é: “ser penitente obrigatoriamente é também ser católico, mas ser católico não te torna penitente.”

2.6. OS ESPAÇOS SOCIAIS E OS ENCONTROS

Os primeiros encontros com os Penitentes fascinam e causam anseios. Não diferentes de outras pesquisas realizadas, Roberto Viana Oliveira Filho inicia sua dissertação de pós-graduação História na UFCG, através do relato:

Era dia de finados. Ao caminhar por entre as lápides disformes do “Cemitério do Socorro” em Juazeiro do Norte, me deparei com a figura emblemática de um senhor que trajava longas roupas azuis, nas quais, desenhos e símbolos foram pintados de branco, misturando-se com os fios de sua barba. A voz de João José Aves de Jesus ecoava como um trovão por entre os jazigos e penetrava com força as paredes da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro atraindo olhares de espanto e admiração. Fui imediatamente arrebatado por um sermão em que diversos elementos religiosos, imagens bíblicas e uma forte preocupação com os *castigos divinos* se apresentavam (OLIVEIRA FILHO, 2016, p.13).

Esse primeiro encontro com os penitentes carregam pesos simbólicos e imagéticos. Entre o “Dia de Finados ou a Quarta-feira Santa”, encontramos nosso objeto de estudo longe dos documentos, fontes e registros. A História estava ali, viva e

concreta. Início esta monografia utilizando meu primeiro encontro com os penitentes aurorenses como fruto do meu lugar social, e esse aspecto percorre todo esse primeiro capítulo.

Para conseguir percorrer e construir essa pesquisa cada leitura, observação dos rituais e carga acadêmica causavam um caldeirão de ideias. Cada descoberta sobre os penitentes, pelo contrário não saciava lacunas, felizmente abria outras. Tanto eu ou Oliveira Filho ficamos atizados e com “fome” para analisar as práticas daqueles agricultores.

Retornar ao meu primeiro encontro para finalizar essa primeira discussão é essencial para compreender que cada ritual, preceito e observações/encontros (sim, desde o primeiro) dos penitentes me instigaram a produzir essa pesquisa e que essa monografia é apenas a ponta de um iceberg. Encontrar os penitentes também foi deparar com a curiosidade em torno daquelas práticas religiosas. O fascínio, medo e mistérios que ainda persistem. Que serão abordados no capítulo dois que percorre um caminho teórico - metodológico essenciais para esse estudo em si.

3. SEGUNDO CAPÍTULO

3.1. ANÁLISE DA ORDEM DA SANTA CRUZ: UM PERCURSO ENTRE SIMBOLOGIAS, CULTURA(S) E REPRESENTAÇÕES

“De fato, segundo a Lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue, e sem derramamento de sangue não há perdão” (HEBREUS 9:22).

Este capítulo é uma análise voltada à compreensão do campo simbólico, cultural e proposto a problematizar conceitos usados para demarcar e caracterizar os penitentes na historiografia. Nos primeiros capítulos desta monografia a discussão ficou em torno das especificidades religiosas, as práticas e as relações sociais, porque esta pesquisa é um diálogo entre a História (e sua escrita) com um estudo etnográfico.

Neste momento, conceitos ou/e palavras-chaves que você leitor se deparou repetitivas vezes eram mecanismos que necessitam de uma profundidade e uma discussão própria. Sobretudo, levanta indagações como em variadas pesquisas são homogeneamente usados signos/conceitos como “cultura”, identidade e memória como suporte e bases fundamentais. Importante introduzir um debate sobre esses conceitos teórico-metodológicos no campo desta pesquisa.

Outra empreitada na escrita deste capítulo é fazer um malabarismo de concepções teóricas como ferramentas para compreender a cosmogonia dos penitentes, ou seja, as suas representações (outro conceito bastante usual), e salientando que cosmogonia não é representação. Compreender como estes agricultores analisam seu mundo pela ótica do campo teórico histórico é relevante para essa pesquisa (e escrita) e soma aos capítulos anteriores numa sincronia necessária para analisar a Ordem da Santa Cruz, e para isso é necessário um percurso entre simbologias, cultura e representações. Isso veio sendo inserido na prática, deste o capítulo anterior.

Após essas análises, outra importante discussão edificada como um “não dito” desde o primeiro capítulo: é o ato da autoflagelação, uma prática exposta no primeiro momento entre as outras práticas religiosas do grupo, porém está neste capítulo será análise compreendida entre o que estuda e diz as variadas obras historiográficas sobre

esse ato, como foi construindo leituras sobre o flagelo do corpo em algumas pesquisas. Outro detalhe é que visivelmente há um discurso proferido no meio acadêmico da região do cariri em torno desse ritual.

Produções que inserem conceitos que vão da resignificação, simbologias e persistências da autoflagelação, como há particularidades que serão explicadas, pois uma comunidade pode por variados motivos interpretar, fazer ou não fazer a autoflagelação. Os penitentes em si são um grupo heterogêneo e suas práticas idem.

Partindo para o campo teórico novamente, reserva-se neste capítulo uma breve, mas relevante inserção de utilidades e dificuldades em usufruir a dita História Cultural e seus mecanismos teórico-metodológicos para a pesquisa. Como o diálogo da História Cultural e a Antropologia trouxeram ferramentas, discussões e possibilidades de atuações importantes para pesquisar um grupo vivo, que persiste no tempo presente, aliás, essa temporalidade foi essencial para essa pesquisa (essa monografia é a ponta de iceberg).

Portanto, este momento na monografia será um dos mais desafiantes e complicados, pois é um movimento de utensílios de ferramentas teóricas para compreender uma cosmogonia de um grupo que está em constante transformação. Para essa labuta complexa foi reservado momentos como: cultura, uma discussão que não cessa; Simbologias e representações: além de ferramentas teóricas; penitencialismo: um conceito postscript; autoflagelação: as sagradas gotas de sangue e penitentes uma preocupação com o tempo futuro.

3.2. CULTURA(S): ALÉM DE UM CONCEITO

O termo “cultura” possui tantos significados como usos. A terminologia denota um leque de aparatos que caracterizam grupos e suas práticas. Neste caso do penitencialismo, o conceito em si é aplicado na historiografia, em outros meios de análises e leituras dessa religiosidade. Por isso é importante apresentar algumas discussões em torno do termo e como ele é aplicado em diversas pesquisas, e como foi utilizado nessa análise.

No prefácio da edição italiana do clássico “*O queijo e os vermes*”, o historiador Ginzburg faz um aparato de discussões sobre a utilidade e pluralidade do conceito

“cultura”. Para ele há uma importante discrepância entre o termo “cultura popular” e “cultura erudita”, pois “o emprego do termo cultura para definir o conjunto de atitudes, “crenças, códigos de comportamentos próprios das classes subalternas num certo período histórico é relativamente tardio e foi emprestado da antropologia cultural (GINZBURG, 1987, p.16)”.

Ginzburg, á início e esclarece que o termo “cultura” usado como ferramenta para compreender códigos tradicionais e comportamentais é algo recente nos estudos históricos e foi emprestado da antropologia. Frisando essas potencialidades essenciais o autor também baliza um debate com outros historiógrafos sobre essa nomenclatura, através de sua aplicabilidade e interpretação para cada autor, e mesmo assim salientando que “os historiadores só se aproximaram muito recentemente e com certa desconfiança desses tipos de problemas” (GINZBURG, 1987, p.17) Ou seja, a aproximação e o uso da categoria conceitual “cultura” é algo relativamente novo e causa a sensação “sair da zona de conforto”, pois requer um diálogo com meios que ultrapassam apenas o campo teórico histórico e vai adentrar nas outras ciências como antropologia, sociologia etc.

Sendo assim, o autor inicia um diálogo com o pensamento e a utilização de cultura por Robert Mandrou, que subsidia a terminologia ao seu estudo com cordéis que segundo Ginzburg pegou um “atalho” na literatura de cordel para fazer uma reconstrução da cultura, e por consequência desviar dos problemas em torno de uma cultura oral.

Estabelecendo um diálogo com o historiador Bakhtin, ele consegue fugir dessa ordem imperante de antônimos entre grupos sociais (no qual a discrepância entre elas não possibilita encontros) e a problemática da cultura ganha um novo olhar, pautado na reciprocidade entre as classes/grupos e comunidades. Sobre essa concepção, diz Ginzburg:

É bem frutífera a hipótese formulada por Bakhtin de uma influência recíproca entre a cultura subalternas e a cultura dominante. Mas precisar os modos e os tempos dessa influência (Jacques Le Goff começou esse trabalho obtendo ótimos resultados) significa enfrentar o problema posto pela documentação, que no caso popular é, como já dissemos, quase sempre indireta (GINZBURG, 1987, 23).

Destarte, Ginzburg apresenta como essa hipótese de Bakhtin é de suma importância para quem pesquisa e analisa a cultura, mesmo não fugindo de sua visão

dualista (cultura popular *versus* erudita, ou seja, povo *versus* valores e costumes das elites); o autor visualiza na reciprocidade formulada por Bakhtin como uma das possibilidades para construir compreensões sobre culturas que basicamente não possuem documentação direta, como os registros escritos.

Apresentando essa sinopse da obra “O Queijo e os Vermes” de Ginzburg (1987) e outros teóricos da “cultura” para apropriar dos conceitos e metodologia de análise criada para o tema de pesquisa, para assim o leitor compreender, por meio de sua experiência de pesquisa como apropriado desses autores e de uma historiografia para desenvolver esse tema.

Para Bakhtin há uma “circularidade cultural” entre os grupos sociais, mas para Barros (2008, p. 158): “A dicotomia entre ‘cultura oficial’ e ‘cultura popular’ é um falso problema. O que se coloca é o problema da circularidade cultural, que se realiza de infinitas maneiras, mas que de fato se realiza como um processo característico de sociedade como as do Ocidente Cristão.”

Barros (2008) compreende que tanto essa visão de circularidade cultural (Bakhtin), ou seja, trocas entre as camadas sociais, ou a dicotomia entre essas visões não são o cerne da questão. Para ele o essencial são os processos próprios da cada cultura.

Nesta pesquisa utilizo muito essa noção teórico-metodológica de circularidade cultural, pois acredito no que Ginzburg (1987) informa na reciprocidade e nos processos próprios de cada cultura, assim como Barros (2008), repousa o cerne da questão. É perceptível, a exemplo, no próximo capítulo desta monografia o uso dessa concepção de transferência e circulação cultural, seja entre os laços sociais, parentescos ou público e privado a cultura penitente é denotada de valores e crenças que modifica dependente da posição de quem fala, quem vive, quem escreve e quem se convive.

A cultura, ou seja, os valores e códigos percorrem entre absolvições, resignificações e abominações de certas práticas. Outros conceitos entrelaçados ao penitencialismo como uma cultura são: folclore, popular e tradição. Tais conceitos são homônimos em certas discussões e em outros suas aplicabilidades divergem no uso.

É latente comentar como a história oral, nesse caso atualmente e nesta pesquisa, é uma importante ferramenta teórico-metodológica para subsidiar um estudo etnográfico, como este. Antes a cultura oral como já salientou o escritor de Menocchio é vista com desconfiança entre os historiadores de sua época, atualmente configura em as principais ferramentas teóricas metodológicas das ciências humanas.

O termo em si é uma salada mista de concepções em diferentes temporalidades ou abordagens, para o dicionário de conceitos históricos (2014) a categoria “cultura” é:

O resultado é que os conceitos de uma cultura são múltiplos e, as vezes, contraditórios. O significado mais simples desse termo afirma que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças (SILVA, 2014, p.85).

Em seguida complementa a discussão dizendo:

Cultura é todo complexo de conhecimento e habilidade humana empregada socialmente. Essa definição foi criada por Edward Tylor no século XIX e, apesar de sua atualidade, gerações e gerações de antropólogos procuram aprofundá-la para melhor compreender o comportamento social (SILVA, 2014, p.85).

Para Silva, o conceito cultura é diverso, mas na essência como diz o antropólogo Edward Tylor acima é um aparato de tudo que é produzido pelo humano com caráter social. Não pretendo assim reduzir o significado histórico de cultura, mas a sua historicidade. Dessa maneira, essa concepção antropológica converge e entra na pauta do campo da História como algo essencial para compreensão das relações, valores e costumes.

No que diz respeito a esta pesquisa, a cultura é compreendida como uma ferramenta que representa, identifica e cria simbologias sobre o grupo sociocultural analisado em questão. Outra particularidade foi a aproximação entre “cultural” como conceito com a história oral como possibilidade para compreender a Ordem da Santa Cruz, pois:

As práticas mágico-religiosas, a exemplo das orações e simpatias, se inserem nesse universo de conhecimentos coletivo ou individual

transmitidos de geração a geração neste contexto a cultura da oralidade pressupõe outra leitura ou várias leituras/versões de uma mesma história (CARVALHO, 2003, p.6).

No tempo presente a história cultural, como afirma Carvalho (2003) o contexto da oralidade para determinadas culturas, como os penitentes, é um mecanismo de transmissão de práticas mágicas-religiosas, nos depoimentos o Decurião ressalta que aprendeu suas rezas com seu pai.

Contudo, segundo Peter Burke a História Cultural é uma Cinderela entre as fragmentações do campo histórico. Uso esse encontro entre História Cultural, etnografia (antropologia) e história oral, compreendendo que as dificuldades e facilidades desse complexo tripé. Portanto, compreender o termo “cultura” e seus nuances conceituais, perspectivas e diálogos é uma atividade que não cessa. O termo cultura é amplo. O importante entender de que me aproprio dele e coloco em prática para análise de seu tema de pesquisa.

3.3. SIMBOLOGIAS E REPRESENTAÇÕES: ALÉM DE FERRAMENTAS TEÓRICAS

Outro conceito que foi essencial ao longo da pesquisa e nos primeiros capítulos E que também foi demasiadamente usado foi às concepções Em que fluem da terminologia “representação”, e, portanto, Roger Chartier seu principal expoente que caracteriza tal ferramenta teórica como uma teórica metodológica que capta uma visualização do indivíduo do que ele ler como real. Para Barros (2008, p. 76), o conceito de representação está intrinsecamente relacionado a História Cultural, pois “[...] a contribuição decisiva de Roger Chartier para a História Cultural está na elaboração das noções complementares de práticas e representações”.

Segundo a interpretação de Barros, o conceito de representação é relevante ao campo da História Cultural porque possibilita a compreensão das práticas, e para ele “Será imprescindível clarificar, neste passo, estas duas noções que hoje são de importância primordial para o historiador da cultura” (BARROS, 2008, p. 76). Práticas e representações são complementos, e dessa forma foram utilizadas como mecanismo

essencial para essa monografia. Práticas como vestígios ou rastros que possibilitam entender as representações.

Vestígios e rastros são conceitos de Ginzburg e como eles dialogam com Chartier? É complexo mais o consorte entre Ginzburg e Chartier (seus expoentes pensamentos/conceitos clássicos) adentram nessa pesquisa como cerne de muitas discussões seja perante as imagens, falas e vídeos (fontes, e, portanto, vestígios que traz indícios) e com simbologias (representações em torno destas), o terceiro capítulo visivelmente proporcionará isso.

Quando lá nos primeiros passos dessa pesquisa, ou seja, no planejamento e elaboração do projeto de pesquisa a escolha temática e área teórica foram basicamente no mesmo momento, uma associação que partiu do meu *lugar social* (conceito tão caro de *Certeau*) entre duas pessoas em dois espaços, o pesquisador acadêmico e do outro lado o aurorense curioso.

Então, a História Cultural e o meu lugar social juntamente ou justamente com análise dos penitentes nos passos seguintes foram necessários de um malabarismo de conceitos (aqui discutido) para edificar a pesquisa. Entre muitas interrogações, quando inicie utilizar o conceito como representação desde a escrita do projeto de pesquisa foi: a mesma indagação que Barros (2008) faz para si e o seu leitor:

“O que são as práticas culturais?” Antes de mais nada, convém ter em vista que essa noção deve ser pensada não apenas em relação as instâncias oficiais de produção cultural, as instituições várias, as técnicas e as realizações (por exemplo os objetos culturais produzidos por uma sociedade), mas também em relação aos usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada pelo historiador. (BARROS, 2008, p. 76).

Para o autor a compreensão de práticas culturais, incorpora analisar os costumes e usos de uma sociedade, sendo assim produzir essa pesquisa baseada na compreensão de alguns hábitos, práticas e rituais religiosos aliados a conceitos como representação, possibilita uma convergência entre estes pólos. No entanto, assim como a discussão anterior sobre cultura nunca vai cessa e é relativamente nova na História, Barros pontua que “prática” e representações são ainda noções que estão sendo elaboradas no campo da História cultural.

Em outras pesquisas no âmbito da história em torno dos penitentes também fazem esse importante diálogo entre história cultural, representações e práticas, a exemplo, de Machado que menciona:

Assim, busquei construir uma narrativa sobre a prática penitencial e seus praticantes, entendendo que ao se refletir sobre o cotidiano dessa atividade constrói-se uma História Social das práticas culturais. A presente narrativa é, portanto, permeada do que Chartier denomina como “lutas de representações” desses sujeitos (MACHADO, 2014, p. 18).

A pesquisadora, em seguida também justifica o uso do conceito e do diálogo com *Chartier* como uma ferramenta importante para metodologia da pesquisa e construção da análise de um estudo etnográfico. Ela aponta uma especificidade da noção de representação que *Chartier* compreende como “lutas de representações” desses sujeitos. Cabe ressaltar isso, pois assim como qualquer outro conceito o termo em si é plural, fruto de ideias conflitantes e não homogeneizadas, entre os próprios penitentes há inúmeras identidades, memórias e narrativas idem em outros setores.

Esse momento separado para discutir com o conceito de Roger *Chartier* essencial para compreender outras palavras – chaves ou mesmo conceitos ao longo desta monografia como: mítico, místico e simbólico.

Essas três palavras percorrem em inúmeras pesquisas que analisaram os penitentes como um fio condutor entre diversas falas, elas são ativadas para demarcar posições de quem analisa através de uma hermética proveniente deste fenômeno religioso.

Essas palavras possuem amplos significados para os pesquisadores que propuseram compreender o penitencialismo, porém entre poucos há uma discussão sobre o porquê do uso desses termos em seus escritos, parece que tais vocábulos fluem de forma natural, porém saliento que como representação do real, ou do caso da comunidade estudada, os signos do mítico, percorre uma imagem sacralizada dos penitentes travadas em outras duas associações como místico e do medo.

Portanto, a compreensão do conceito de representação também ajuda a analisar os usos das três palavrinhas (místico, mistério e mítico), porque são percepções inerentes a todos que se deparam com algo em envolvido do desconhecido, mágico e

estranho. Esse diálogo (café com Roger Chartier e/ou sua ideia) foi essencial não apenas para a escrita como uma ferramenta teórica, mas como utensílio metodológico.

3.4. AUTOFLAGELAÇÃO: AS SAGRADAS GOTAS DE SANGUE E A “PAIXÃO”

A autoflagelação é uma das práticas culturais dos penitentes realizado de diferentes formas de acordo com a concepção da comunidade que realiza, porém há especificidades comuns entre as variantes ordens de penitentes, sempre o ritual ocorre na semana santa ou em outras datas “sacras” (compreendendo estes são dias sagrados da igreja), como foi explicado no primeiro capítulo, ele é apenas mais um ato de penitência entre outros inúmeros.

No entanto como algo extremamente carregado de pesos simbólicos, e para os pesquisadores a autoflagelação torna-se uma prática entre as outras que merece uma dedicação e uma discussão maior. Só essa prática renderia outros TCC’s.

A origem do flagelo do corpo em busca da purificação do corpo é inerente a uma historicidade e um recorte temporal longínquo, alguns escritores remontam ao Brasil colonial, ou antes, disso, outros propõem fazer uma comparação entre diversas culturas que realizam esse sacrifício, porém nesta pesquisa e na maioria dos estudos no tempo presente, a busca pela origem ou um estudo comparativo não vai a encontro do que é proposto neste trabalho.

A análise de caráter etnográfico requer entender que a comunidade é um ser vivo em constantes transformações e, portanto até as análises proferidas podem sofrer rupturas futuras. Enfim frisar é importante para lhe informar que essa monografia não buscará origens ou vai se deter a temporalidades distantes. Destarte, a autoflagelação é visualizada na historiografia como algo que caracteriza os penitentes no viés.

Desta forma, cristalizou-se essa imagem da penitência como algo repulsivo, realizado por homens pobres e ignorantes, imbuídos de um fanatismo, um misticismo exacerbado. Essa ideia marcará a historiografia acerca dessa temática, uma vez que são raras as obras que tratam do assunto, tornando-os referência e sendo reproduzida em outros trabalhos. (MACHADO, 2014, p.50).

A autoflagelação é um recurso utilizado por alguns atenuantes que relatam sobre tal prática religiosa através da ideia do fanatismo, ortodoxia e práticas demasiadamente renegadas pelo catolicismo atual. Aliança perfeita entre estereótipo, preconceito e uma leitura carregada de pressupostos errôneos, caracterizam a autoflagelação como um ato exótico de uma religiosidade idem.

Porém, outros autores recentemente buscam interpretar a autoflagelação como um ritual, rico em particularidades, representações e simbologias culturais e de uma cosmogonia de um grupo que ressignifica antigas práticas religiosas na contemporaneidade. Para Nobre, por exemplo, a autoflagelação é um ritual:

O ritual provocava terror aos que ousavam assistir. O espetáculo de sangue era repetido quase que semanalmente e representava a luta entre os desejos e a negação do corpo. De fato, se tratava de uma imitação do exemplo de Cristo, especificamente, da imitação de Sua Paixão. O que constituía essa experiência era um transbordamento dos sentidos, onde o sofrimento corporal era o canal de expiação dos pecados. A imposição de penitências, ou mesmo as auto-penitências lembram a necessidade de purgar os pecados e a preparação para a vida no outro mundo (Jo 11.52; Ef2. 14; Ap 1.5). Essas experiências individuais tendiam a reproduzir histórias que são modelos para uma vida casta e de piedade, e certamente, atraíam a devoção da população (NOBRE, 2011, p. 6).

Mesmo quando ressalta o signo do “horror”, no entanto ela oferece uma análise que adentrar nas especificidades religiosas do ritual, utiliza uma explicação e uma justificativa para tais atos, pois para a autoflagelação é uma possibilidade que demonstra uma aproximação com a dor e o sangue de um Deus que também se sacrificou e isso é uma interpretação dos rituais que já foge do estigma de fanatismo, mas o que seria fanatismo para eles (ideia é essa)? Fanatismo denotado em virtude dos penitentes é carregado de signos de estereótipos, de êxtase a loucura coletiva. Signos repletos de uma leitura pela ótica do medo e do estranhamento.

Para Carvalho (2003 p. 7) a autoflagelação é:

O castigo corporal é aplicado, através de chicotes com lâminas afiadas de metal nas pontas ou através do sofrimento pela renúncia ao convívio social, jejum, voto de castidade, entre outros martírios físicos e espirituais. Maltratar o corpo para elevar o espírito, é um preceito presente e vivenciado no catolicismo diferenciado caririense.

Para a autora é um preceito vivenciado por um catolicismo diferenciado que elabora uma justificativa divina em uma espécie de missão desses homens de afastar os pecados perante seus sangues e dores, a dor compreendida como um alívio espiritual e apagador dos pecados da carne. Maltratar o corpo é elevar-se espiritualmente, o uso da dor como purificação é um mecanismo utilizado para torna-se mártir e cada vez mais próximo da dor e o sangue da paixão.

Para os penitentes da Ordem da Santa Cruz, a autoflagelação ocorre anualmente na Sexta-Feira Santa, ou seja, em sincronia com a dor e o sacrifício de Cristo. Para o Decurião o ritual aurorense possui suas “passagens” como: primeiro os terços, benditos até a meia noite e após há um momento de meditação e clamor com direitos aos pedidos de perdão, saúde e benesses para a comunidade e no fim há o que o líder denominado de “*alviças*” (súplicas cantadas que pronuncia-se palavras de misericórdia constantemente), termo que ele não soube explicar, apenas justificou que era nomenclatura que foi ensinado pelo seu pai. Após esses passos, a Ordem da Santa Cruz realiza a autoflagelação.

Presenciei no dia 30 de março de 2018 a minha segunda experiência diante dessa prática, e ainda persistia antigo misto de sentimentos daquele menino que observava os penitentes pelas brechas da janela, mesmo eles ali na minha frente. O desconhecido e minhas interrogações me apavoraram tanto quanto a expiação do sangue, e registrei esse momento em imagens e vídeos, um dos registros são essas fotografias.

Figura 5 - Autoflagelação da Ordem da Santa Cruz, Aurora (CE).



Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Figura 6 - Autoflagelação da Ordem da Santa Cruz, Aurora (CE).



Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Figura 7 - O instrumento do flagelo denominado “disciplina”, da Ordem da Santa Cruz, Aurora (CE).



Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Nas Figuras 4 e 5, visualizam-se a prática da autoflagelação ocorrendo em si na madrugada até os misteriosos e emblemático signo do galo cantar, pois para esses homens o animal (galo) anuncia a morte e o fim do sacrifício divino e assim a autoflagelação sejam pela “imitação ou aproximação” eles vão sangrando até o animal lhe alertar sobre a chegada do dia da morte de Cristo.

Na imagem seis, há o flagelador que é composto por algumas lâminas (já até enferrujadas, denuncia o tempo da ferramenta), E como um chicote eles vão expurgando

seus sangues nas paredes e no chão, sem esboçar dor e cantando, numa espécie de elevação. A nomenclatura do objeto na imagem é carregada por uma representação da própria missão que acreditam ter, pois a “disciplina” é um instrumento de caráter moralizador, religioso e social.

As imagens também são fundamentais mecanismos para análise desse ritual, além de registros históricos, as fotografias são também recortes do historiador, a escolha das seis imagens para exemplificar ou pontuar discussões são assertivas de cunho metodológico, pois o acervo pessoal é rico, porém essas imagens em si significam muito e ajudam na labuta da escrita, além de fontes, elas são representações.

Observa-se nas fotografias a relação com as imagens cravadas dos penitentes com as imagens dos santos no altar ou nos quadros nas paredes, e sobre isso Burke (2004, p. 57) diz: “Em muitas religiões, as imagens desempenham um papel crucial na criação da experiência com o divino”. A imagem funciona como um canal de representação do sagrado.

No campo espiritual ou/e meditação, o ritual durou um tempo relativamente grande até que o galo canta sua primeira vez em torno das duas horas da madrugada. A disciplina corta a carne durante todo esse horário, e eles não esboçam dor, raiva ou qualquer outro sentimento senão satisfação, como alguém cumprindo uma labuta. O objeto é composto de lâminas enferrujadas, e amarradas com tiras de couro, são produzidos pelos próprios penitentes e todos carregam consigo durante todo ano esse objeto.

Presencie esse (semana santa) em outros atos dos penitentes, no entanto é na autoflagelação que áurea de mistério e sacralidade é observada nos olhares desses homens, que ao escorrer o sangue cumpre o “mandato” de Deus. Esse ritual é regado por uma luz apagada num cômodo afastado e presenciado apenas por homens (já discutido a relação do penitencialismo com o feminino). Outro detalhe é que os senhores mais idosos também praticam o ritual em seu ritmo, porém não negam o “chamado”.

Para Oliveira Filho (2016, p. 17), as penitências em si representam alguns discursos como: “à ideia da penitência como forma de redenção dos pecados e pagamento necessário para abrandar a “ira de Deus”, principalmente.” É perceptível o

que o pesquisador relata através dos benditos proferidos na ocasião que continuamente representam verso “Senhor misericórdia e perdão”, a correlação entre Oliveira Filho dita e o ritual aqui analisado é que em consonância realmente observa-se que os rituais dos penitentes busca-se uma redenção via corpo, vozes (benditos), atos e condutas.

As gotas de sangue que outrora apavorou viajantes pelo interior do Brasil ao ponto dedicar páginas a esse ritual, e atualmente analisado sob outros conceitos por pesquisadores. A autoflagelação quando observada requer um malabarismo de sentimentos envolvidos em uma mística divina. Quando presenciei esse ritual, compreendi que: Na minha observação como pesquisador e externo a toda aquela cosmogonia, religiosidade e simbologias, foi notável o alto grau de elevação espiritual que ao expurgar os pecados via sangue, de fato para eles é algo gratificante, em suas representações de algo próximo do sacrifício divino faz parte de suas missões, não é a toa que é realizada na sexta-feira santa.

Portanto, diante da minha experiência com esse ritual e perante as produções historiográficas recortam a autoflagelação, todas as “falas possíveis sobre esse ritual” é a ponta do iceberg de um conjunto de práticas religiosas que A simbologia a cosmogonia dos penitentes, sua ideia de servos de Deus, melhor arrendatários de um senhor de terra, e por isso necessário cumprir seus mandados para não atizar sua ira. As penitências possuem simbologias entre o mundo e sagrado relevante, porém É na autoflagelação que nota-se a entrega a essa fé e a um pensamento rico em aproximações e uma leitura própria do divino.

A autoflagelação lembrou muito da escultura famosa de Bernini (1651): “O êxtase de Santa Tereza” (Figura 1). Segundo a tradição católica sofreu forte “dor e gozo” quando um anjo atravessou seu corpo. A dor como mecanismo de elevação ao divino.

Figura 8 -O êxtase de Santa Tereza - Bernini (1651).



Fonte: Moraes (2015).

3.5. PENITENCIALISMO: POST SCRIPTUM

O penitencialismo, também como conceito, é uma terminologia aplicada as análises das práticas, narrativas e interpretações sobre a penitência, muitos historiadores usam o termo para desenvolver uma unidade entre as diversas ordens, valorizando suas particularidades em comum, porém a noção de penitencialismo ainda é pouco esclarecida ou demarca como um conceito heterogêneo, como memória ou representação, e é uma ferramenta didática metodológica dos pesquisadores para lidar com essas comunidades religiosas.

Destarte, tocando em silêncios, a comunidade da Ordem da Santa Cruz analisada etnograficamente e historicamente nesta monografia, possui várias particularidades, costumes, tradições e representações no campo simbólico, religioso e social que possui ainda coisas a serem ditas, o que instiga a continuação dessa pesquisa e outras. Outra particularidade inerente aos penitentes é a necessidade de um olhar voltado em valorizar e identificar essa cultura, fugindo (mas não escondendo que há) o discurso fanatismo, estereótipos etc.

Todavia, os penitentes possuem entre seus não ditos: uma leitura própria da Bíblia, um convívio diferenciado com o catolicismo e uma relação econômica e produtiva em torno da agricultura e a ideia da vinda do messias como salienta Carvalho et al. (2016, p. 6): “Na visão dos penitentes, a espera pela vinda de Cristo se apresenta como uma metáfora próxima à vivência dos devotos, em sua grande maioria de origem rural”. Três esferas e campos simbólicos da vida como agricultor, católico e penitente e todos esperam um sacrifício e a recompensa maior, o apocalipse bíblico para os penitentes é um ricocheto.

Contudo, o tempo presente, a História Cultural e a (poucas, porém relevantes) historiografia em torno da temática dos penitentes contribuíram para a pesquisa, análise e a escrita deste trabalho. Conceitos teóricos e metodológicos e uma linha de produção acadêmica que em sua essência ainda engatinha.

Os penitentes também resignificam seus espaços, atuações e rituais de acordo com as temporalidades, essa particularidade também inquieta, assim como a relação com o padre Cícero, padre Ibiapina, a romaria, a mártir Francisca (uma personagem que

a religiosidade aurorense acreditada ser santa) entre outras coisas que ficam aqui como um indício para futuras pesquisas minhas ou não (sinta-se provocado).

Este momento é um *post scriptum*, ou seja, um PS no final de um enunciado, uma ferramenta útil para esclarecer algo que não poderia deixar de comentar. Portanto fica necessário dizer que a Ordem da Santa Cruz por meio da linha do pensamento histórico e etnográfico me ofereceu recursos necessários para construção e visualizar parcialmente a cosmogonia dos penitentes.

Mesmo assim sobressaí o maior dos “Ps’s”: até que certos pontos tornaram-me penitente de mim e deles, não no sentido que me penitencie ou que essa pesquisa foi um martírio, no sentido na suplantada imagem de Bernini (Êxtase Santa Tereza de Ávila), a elevação ao divino. Os penitentes através do sangue conseguem em sublimação uma ascensão espiritual e ao tocar no divino (assim como a imagem da “Criação de Adão e o Criador” de 1511, na capela Sistina, de Michelangelo).

4. TERCEIRO CAPÍTULO

4.1. O PENITENCIALISMO DA ORDEM DA SANTA CRUZ E O MEIO SOCIAL: LAÇOS, ESPAÇOS E ATUAÇÕES

“Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal. Prefiram dar honra aos outros mais do que a vocês” (ROMANOS 12:10).

Este capítulo foi escrito na perspectiva de adicionar uma discussão sobre os espaços, religiosidade e memórias. Uma análise do penitencialismo e seus laços de pertencimento com a comunidade do Sítio Salgadinho de Aurora (CE), sua posição e deslocamentos diante do espaço urbano, sobretudo, como esses espaços, ou melhor, pessoas desses lugares, elaboram leituras dessas práticas religiosas.

Através dessas discussões serão frisados os diálogos entre comunidade rural (Sítio Salgadinho) e a Ordem da Santa Cruz, e como a irmandade no tempo presente também ressignificou o penitencialismo no seu meio social e religioso. Outra especificidade analisada neste momento é o papel das memórias como demarcadores de identidades, narrativas de medo e fascínio. E por meio das narrativas orais compreendemos algumas representações e imagens sacralizadas do penitente, do misticismo à mitificação.

Problematizar memórias, espaços e atuações são os três pilares dessa etapa. Destarte, desejamos demonstrar como é relevante os mecanismos que justificam o penitencialismo nesse recorte espacial e temporal. A atualidade e as transformações sociais e culturais possibilitam novos caminhos para a Ordem da Santa Cruz.

Portanto, analisar o diálogo entre Ordem e comunidade rural (e outros espaços), algumas narrativas e memórias, além dos diferentes lugares sagrados, é essencial para pontuar as especificidades, os elementos históricos e culturais que essa monografia (escrita historiográfica) pretende compreender. Essas discussões é uma somatória ao primeiro capítulo que apresentou os penitentes da Ordem da Santa Cruz e suas práticas.

4.2. O DESLUMBRE E O MEDO NAS NARRATIVAS MEMÓRICAS

Costuma-se associar os penitentes a uma narrativa repleta de signos relevantes denotados de medo, horror, fanatismo e curiosidade, isso n as variadas áreas e

produções acadêmicas ou não sobre tal temática, de teses a cordéis. Outro recurso usado para desenvolver a ampla produção escrita acadêmica é usualmente utilizado a história oral e suas ferramentas metodológicas e teóricas para oferecer suporte às análises sobre penitencialismo. Não como regra, porém como ocorrência de uma linearidade em torno das memórias é um essencial mecanismo para adentrar em questões como o medo, angústia e o misticismo em torno de tais figuras, sobre isso Alberti comenta:

Ao mesmo tempo, o trabalho com a História Oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada a construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade (ALBERTI, 2006, p. 167).

A memória é uma forma de entender como se constrói uma identidade coletiva. Como Alberti (2006) exemplifica, o papel do casamento entre história oral, identidade e memória como significativamente imponente entender essa relação e cooperação entre essas áreas que conversam e convencem em uma ferramenta para essa discussão em torno do medo e o deslumbre tão presente nas narrativas. Portanto, como ferramenta para compreender as “vozes” e os discursos em torno do objeto, os depoimentos serão analisados.

Através do depoimento da auroense Geilza percebe-se como ela ativa os signos de medo e curiosidade logo no início de suas falas, como se sua experiência ou memórias em torno dos penitentes fossem fruto de um ato de coragem e atrevimento. Fica nítido que para ela o(s) mistério (s) dos penitentes pertence a madrugada e aos olhares corajosos. A entrevistada comenta como compreendeu seu primeiro contato visual com tais homens da seguinte maneira:

Meu depoimento é falando sobre os penitentes né. Quando eu era criança. Quando eu era criança eu tinha o habito de olhar, meu irmão não olhava porque tinha medo né. Eu olhava pelas brechas da janela do meu quarto. Os penitentes passava, mas o povo dizia que não era pra olhar porque um senhorzin lá de idade já lá onde eu morava diz assim né [...].²

² Depoimento de Maria Geilza dos Santso em 16/03/2018.

No depoimento fica perceptível que é costumeiro na região o resguardar tais homens e suas práticas religiosas a uma áurea de mistério (travestido pelo desconhecido), e por consequência, o medo, deslumbre e desejo de observar os penitentes. Uma ânsia por momentos como esse, relatado pela entrevistada, como observar pelas brechas da janela do quarto. Na fala dela há o uso do termo de uma “terceira pessoa”, além do seu irmão, um idoso que alerta como é importante e costumeiro deixar “quieto” os penitentes. Há uma retórica tradição oral em deixar ao desconhecido a mística dos penitentes.

Essa iniciativa é recorrente nas memórias e narrativas em torno dos penitentes da região. Destarte, Santos (2012) descreve como esse ato de transgressão perante o penitencialismo é algo recorrente nas narrativas em seu estudo sobre esses grupos religiosos da zona rural de Porteirias, CE.

Além das memórias reconstruídas, através do som da voz cantarolada, a narrativa provoca, a princípio, o entendimento de um ato de transgressão: o abrir as portas de casa. A narradora cita a perspectiva já abordada por Cascudo (2002): as portas e janelas não deveriam ser abertas, quando das passagens dos penitentes. Entretanto, ela provoca uma nova reflexão, ao anunciar que, desafiando os sentidos da tradição, variadas vezes abrir as portas de sua casa (SANTOS, 2012, p. 33).

Tanto nas memórias da Geilza quanto nas narrativas levantadas por Santos e na minha própria memória, o ato da transgressão é marcante em torno das lembranças, ou melhor, do que é demarcado como experiência vivida com os penitentes. Observar seja pelas brechas da janela ou abrir as portas, ambos os atos são manifestos para descobrir e saciar essa mística dos penitentes. O costume e o deslumbre se forjam na coragem de burlar uma tradição.

É preciso burlar as normas e porque não se pode olhar? É inerente a comunidade a tradição de resguardar o lugar e atuação dos penitentes a ideia: “importante deixar desconhecido”, tentar observar um ritual de penitentes é ir contra esse costume local. A entrevistada conta em seu relato o ato em tom heróico e de desbravadora, por isso.

O medo e mistério são alimentados por esses episódios levantados. O ato de observar os penitentes reforça o mistério e o não entendimento do que aquelas práticas

dizem, e a comunidade “sacia parcialmente” suas dúvidas sobre esses homens mascarados da madrugada utilizando os artifícios do medo e do misticismo.

A perpetuação do imaginário popular sobre os penitentes é forte no meio sociocultural aurorense e nas demais regiões, onde tais práticas religiosas resistem, porque, entre outras coisas, há o signo do mistério alimentando narrativas e histórias de atrevimentos de pessoas que ousaram ultrapassar as tradições. O tom da narrativa também é interessante, pois no depoimento da Geilza suas falas são entoadas como se estivesse realmente fazendo uma heresia, transgressão e/ou atrevimento.

Outra particularidade nas falas de Geilza e em alguns trabalhos que usam as fontes orais para fundamentar uma pesquisa sobre penitentes de uma determinada região é um segundo aspecto descritivo e relevante para analisar as narrativas, os lugares. Sim, os espaços são campos frisados nos depoimentos levantados, como também está presente nas narrativas escritas acadêmicas ou não, reforçando a ideia de Certeau da importância do lugar social para os sujeitos. Oliveira Filho (2003, p.10) diz:

Temos empreendido pesquisas sobre as práticas rituais dos penitentes da Irmandade de Nossa Senhora da comunidade do Genezaré, município de Assaré, no Cariri cearense, na sua relação com o espaço, corpo e a memória dos oito membros do grupo. Nas narrativas orais dos penitentes o tema da morte é também recorrente. Alguns espaços rituais são escolhidos a partir da relação que mantêm com a morte. As cruzeiras na beira da estrada que anunciam, em alguns casos específicos, embates que resultaram em mortes violentas; os cemitérios onde são rezados com regularidade o Terço das Almas.

Todavia, Oliveira Filho (2003) comenta em seu trabalho como os espaços, o corpo e a morte são recorrentes como aspectos importantes para reforçar um ato de atuação e as práticas, como se o “ser penitente” (ontologia) para a comunidade em torno é necessariamente ativar símbolos e representações em perante caminhos, locais e momentos ativados via memória, ou seja, experiências sociais com os religiosos.

Novamente os espaços, assim como as memórias, dizem muito do olhar do meio social e a recepção diante do penitencialismo. Geilza expõe a imponência dos lugares também ativando aspectos de representação de algo sinistro, medonho e ermo. Assim como as demandas do ser penitente, passagem obrigatoriamente por essas ferramentas em sua fala demarcadas como se os lugares, as atuações e o ser penitente mesclassem numa narrativa repleta de um medo por ela negado, mas vivenciado. Ela diz sobre os

espaços: “*Um lugar cheio de cruz que era tipo um minicemitério, tinha sete cruz porque foi enterrado sete pessoas lá, entende [...]*”.

O tripé salientado por Oliveira Filho (2003) se faz presente nesta simples fala de Geilza—“o medo, o lugar e a morte.” Que faz parte do imaginário popular sobre os penitentes. O medo tem o peso simbólico ressaltado pelo lugar e, por consequência, pela morte. Os cemitérios, as estradas escuras e os cruzeiros são lugares essenciais na religiosidade e atuações desses religiosos, e isso reforça aspectos de deslumbre, de misticismo e do medo. Os lugares associados à morte e à escuridão proporcionam tal memória, interpretação e sentimentos em torno dos penitentes.

Os penitentes agem longe dos olhares da comunidade. O isolamento proveniente dos horários, lugares e atos religiosos reforçam a perspectiva cultural de resguardar suas identidades e suas práticas. O penitencialismo provém e sobrevive dessa lógica dos encontros, rezas e cânticos nos lugares anti-sociais (ermos e escondidos) como os cemitérios. A morte é um signo fortemente persistente em torno do penitencialismo. A morte é uma aproximação com o divino, rezar pelos mortos faz parte da missão destes homens, vivem em prol da purificação e salvação dos mortos e dos vivos.

As memórias providentes das narrativas, a exemplo, de Geilza, reforçam as representações, como pensa Chartier e a releitura desse conceito por Peter Burke (2008, p. 99) que escreveu sobre esse conceito: “tome a ideia de representação, por exemplo, um conceito central da Nova História Cultural. Ela parece significar imagens e textos simplesmente refletem ou imitam a realidade social”. As representações assim como a identidade sobre penitentes sobrevivem respirando ares do mistério, misticismo e do medo. Fica claro como lido o conceito de representação sobre o penitencialismo, através das imagens, sejam ditas pelos entrevistados, ou fotografias (até as minhas) são representações plurais dos penitentes e suas práticas.

As narrativas são construídas perpassando tais campos e alimentando uma tradição de transgressão (isso seria também representação). As memórias significam aproximações com os penitentes por meio do atrevimento, como um dos raros momentos que os penitentes estão próximos do sujeito social que expõem suas lembranças, ou da sua realidade social. O véu do desconhecido ato de penitenciar é parcialmente visto, porém nunca retirado. Olhando pelas brechas da janela se vê o que é

possível, mas ficam as lacunas do que não se vê, acontece ou vai acontecer, e persiste dessa maneira o deslumbre pelos penitentes. As falas de Geilza como construtoras de uma imagem mística e temerosa sobre os penitentes. Estes aspectos levantados dão um significado e os legitimam socialmente no espaço em que atuam.

4.3. DIÁLOGOS COM A COMUNIDADE DO SÍTIO SALGADINHO: UMA VIA DE MÃO DUPLA

A relação da Ordem da Santa Cruz com a comunidade da zona rural de Aurora, o sítio Salgadinho, é nítida seja pelos próprios membros, que, aliás, são de aéreas em torno dessa localidade ou pelos moradores da região que constantemente reforçam a importância da atuação dos penitentes ao fazer promessas, solicitar orações e renovações em residências.

A atuação desses homens é fortemente demarcada por esses signos sociais, em uma rede de laços familiares, “compadrios” e amigos. A Ordem da Santa Cruz inclusive nas falas do Decurião é quase organizada por seus familiares, filhos e netos:

“Entrevistador: os penitentes aqui do sítio são parentes do senhor daqui, né?”

“Decurião: bem dizer minha família mesmo, se minha família e meus netos fizesse o que eu vivo, eu não precisava de ninguém não só nos dava uma turma...”

Ele (entrevistado) expressa angústia perante o eminente distanciamento de netos. Essa dificuldade permite abertura de vagas a outros agricultores da região. A família é uma estrutura sacralizada por esses homens. Este diálogo traduz esse sentimento de uma comunidade familiar na Ordem da Santa Cruz, e é por esse fator, dentre outros, que a “moralidade” da ordem é bem firme.

Para tornar-se penitente, tem que estar ciente de que o Decurião não permite em sua turma homens com atitudes díspares da sua linha de pensamento de ética e religião. Para Carvalho (2003, p. 13) “caracteristicamente essas irmandades [...] possui sobre os integrantes da Irmandade além de uma autoridade religiosa, a autoridade moral”.

Um exemplo da autoridade religiosa e moral é a do Decurião da Ordem da Santa Cruz não permitir o alcoolismo, o divórcio, os homossexuais e homens que não praticam a agricultura, entre outros fatores. Todos devem estar numa moral de conduta de um penitente, exigida pelos penitentes e cobrada pela comunidade.

A sensação de família na Ordem da Santa Cruz percorre os laços religiosos e sociais, e reflete em uma sensação de união entre eles para cumprir suas missões. As relações entre eles possuem um leque de especificidades. Colocando *in lócus* o laço social da “família” torna o sentimento de irmandade proveniente dos meios sanguíneos e/ou sociais. Caso não seja sangue do sangue, o parentesco é buscado via noção de “compadre”.

O diálogo com a comunidade na zona rural é uma via de mão dupla, pois a população da região utiliza essa cultura em seu detrimento (e aproveitamento) espiritual, assim como os penitentes também possuem uma leitura própria da população da sua comunidade. Eles se sentem responsáveis pelo caráter espiritual da comunidade, como purificadores ou via diferenciada para o divino, destarte eles tem um papel social.

Geilza comenta:

Quando eu tinha três meses de nascida minha mãe fez o terço na casa dela dos penitentes em prol de agradecimento da construção de sua nova casa né, aí pediram um terço de agradecimento pros penitentes.

Por esse depoimento nota-se como a comunidade justifica e acredita no papel religioso e sacro desses homens, longe do catolicismo oficial, porque seria costumeiro convidar um padre ou líder religioso da Igreja Católica, mas esse ato de agradecimento por sua nova casa (denominado renovação) pertence aos penitentes. A ligação desses homens com o divino é elaborado na comunidade com um peso de tradição e de fé.

No entanto, o Decurião da Ordem da Santa Cruz comenta que nem sempre esse diálogo (com o meio social) é benéfico, seguro ou respeitado, pois:

[...] de primeiro o povo tinha era medo, eu tava dizendo a esse menino aí quando nós começando andar os cabas pastorava nós nas moitas de mufumo pra cobrir na pedra e nós não podia

*dizer nada que nós tava na nossa obrigação a, nós não ia brigar mais ninguém, quem andava rezando não anda brigando né.*³

O Decurião comenta que as perseguições, como é citado neste relato, fazia parte de seu trabalho, pois: “*Aí acontece que o jeito que Jesus foi perseguido nós fomos perseguidos a mesma coisa.*” Eles usam essa alegoria para fundamentar a persistência com as penitências mesmo diante de ameaças e preconceitos.

As perseguições e ataques são fatos intrínsecos nessa relação no qual o outro (penitentes) representam o desconhecido, o medo e ao mesmo tempo a admiração e a fé daquele povo (a comunidade rural). A leitura dos religiosos sobre esses atos de ódio carrega consigo essa visão de fé, ou melhor, obrigação. Os penitentes possuem “obrigação” com este povo, assim como Jesus tinha com o seu.

Analisar essa relação com a comunidade que ao mesmo tempo responde com a busca de rituais e um diálogo com a irmandade, também busca em momentos específicos fazer atos de restrição, perseguição e ataques. Essa relação que repousa o fato do medo dos penitentes do descobrimento de suas faces, e por consequência resguardar suas identidades como algo crucial. Em lato exemplo durante essa pesquisa só tinha contato direto com o Decurião da Ordem da Santa Cruz.

Todavia, Campos (2009) também salienta em torno dos penitentes em sua pesquisa, sobre os “Aves de Jesus de Juazeiro do Norte CE” que a relação com o meio social era:

A forma de sociabilidade baseada em relações de parentesco (autoridade, lealdade, reciprocidade, etc.) está de alguma maneira associada à concepção monárquica do mundo dos Ave de Jesus. Deus é Pai e Rei; Maria é Mãe e Rainha. Para mestre José, a separação entre Igreja e Estado pode ter acontecido historicamente, mas a monarquia permanece ainda viva como valor e sustenta uma verdade sagrada (CAMPOS,2009, p. 38).

Todavia, Campos comenta que os espaços sociais estão também perpassados nas relações familiares, ou seja, entre eles o penitencialismo era praticado como uma família, assim como os penitentes da Ordem da Santa cruz de Aurora. Porém sua

³ Entrevista Decurião. Geraldo Eneias de Brito em 30/03/2018.

conduta moral era mais ortodoxa, o que diferencia dos penitentes aurorenses, pois os “*Aves de Jesus*” resignificam o mundo através de simbologias e representações de um passado bem longínquo e abstrato como a monarquia.

Os penitentes da Ordem da Santa Cruz resguardam um pouco dessas simbologias como o laço da Igreja Católica perante o meio social, surge uma dicotomia entre Estado e Religião, negando rituais sociais apartados da religiosidade, diz o Decurião: “*Você tem uma filha tenta casar né, ai ela diz “nam, não caso na igreja não, só caso no civil”. Qual foi o casamento civil que Deus deixou?”*

As leituras socioculturais negativas do Estado (e suas instituições e rituais como o matrimônio civil) são reflexos da cosmogonia dos penitentes e, assim, compreendem as relações com o meio, por eles resignificado, a comunidade também faz uma leitura do penitencialismo e os religiosos, e os penitentes tem ideias contra de distanciamento da Igreja do Estado. Há até referências a monarquia. O casamento verdadeiro para o Decurião provém da Igreja Católica, assim como a sua obrigação veio dela como representante divina. Dessa forma, deslegitimizam o casamento civil, fruto do Estado e não da mãe-Igreja.

Portanto, as relações sociais, religiosas e culturais sobrevivem dessas constantes leituras de realidades, “diálogo entre laços, espaços e representações”. Os penitentes da Ordem da Santa Cruz edificam em uma teia de interações sociais no meio em que estão inseridos e diante de suas representações do mundo e das leituras que fazem deles. Contudo, prevalecem os diálogos socioculturais com a comunidade do sítio Salgadinho: uma via de mão dupla.

4.4. ATUAÇÕES URBANAS: OUTRAS PARTICULARIDADES

As atuações dos penitentes e, por consequência, suas relações sociais, mudam no meio social da zona urbana de Aurora-CE, pois requer outras particularidades. Entre elas está um horário mais tardio da madrugada, precauções provenientes do receio de ataques de intolerâncias e olhares de curiosos.

O Decurião da Ordem da Santa Cruz disse: “Somos só uma só. Pode ter uma mudança de traje. E o horário na rua é mais tarde. Pastoram mas hoje em dia na rua o povo tão achando é bom, de primeiro o povo tinha era medo[.]”.

Contudo, como o líder da Ordem elucida a relação com o meio urbano aurorense também se transformou e no tempo presente configura em um espaço mais aberto e seguro. A convivência tem sido mais receptível como um efeito cultural. O Decurião também salientou que, sobretudo, há uma unidade entre os penitentes sejam nas regiões rurais ou os resquícios de penitentes na zona urbana. O “povo tinha era medo” é uma assertiva que apresenta uma nova (em construção) relação com o meio.

No entanto, o peso do medo e do misticismo do desconhecido persiste independentemente dos laços sociais ou espaciais. Geilza relata uma situação que conversa com essa lógica da imperante fobia dos penitentes:

Aí depois que eu vi embora mora aqui na rua né, eu estava namorando um dia na calçada aí [aquele lindo augoro] meu namorado partiu numa carreia muito bonito não [mãeee] batendo na porta e eu fiquei olhando aí eu conheci o cara o decurião também... é legal eu acho bonito... muito legal eu gosto dos cânticos e tinha dito um terço de penitentes lá na casa da minha vizinha aí eles vai e passa cantando [...].

Seu namorado em questão fica em pavor quando se depara no meio urbano com os penitentes e a interpretação e atuação da Geilza é interessante, pois ela já vinha com um contato rural com tais religiosos, aquilo não é lhe estranho, pelo contrário era admiradora dessa religiosidade. Seu namorado fica apavorado diante do desconhecido e do que a cultura aurorense sacraliza como “penitência ou penitente”, um misto de estranho e afastamento.

E sua vizinha tinha chamado os penitentes para um terço, ou seja, há uma rede de interação e contatos em outro espaço, de um lado uma vizinha sente a vontade e convida os penitentes para uma ritual sem sua casa, do outro lado o namorado de Geilza que tem pavor dos penitentes. Torna-se necessário conhecer estes sujeitos históricos.

A pesquisadora da Ordem dos penitentes da Irmandade da Cruz, em Barbalha (CE), em sua pesquisa de mestrado faz uma discussão sobre esses laços e/ou redes de sociabilidade desses religiosos. Bezerra menciona:

Assim, as identidades da Irmandade da Cruz surgem no nosso estudo como lugares de trânsito e de ruptura. Esse entendimento parte do princípio de que as tensões no campo da auto-representação do grupo ocorram não apenas em relação a agentes externos (instituições religiosas e políticas, por exemplo), mas também e principalmente entre os próprios camponeses da irmandade [...]. (BEZERRA, 2010b, p.18).

Portanto, Bezerra (2010b) comenta que esse trânsito de auto-representação se edifica entre os penitentes de sua pesquisa etnográfica a partir de rupturas, tensões no campo e entre eles (há relações de poderes e hierarquia entre a Ordem). Distante disso é importante ressaltar que há uma unidade conceituada pelo Decurião como elo de união entre os penitentes da Ordem da Santa Cruz e entre eles outras denominações da região de Aurora (CE), o líder nega as diferenças, as tensões e rupturas entre os penitentes, ressaltando as singularidades das vestimentas distintas, porém são essas vestimentas o reflexo de pensamentos e atuações destoantes. Enfim, Bezerra relaciona identidade com espaços e tensões sociais.

As rupturas e as tensões no espaço urbano e rural possuem suas particularidades, porém resguardam as mesmas auto-representações do penitencialismo como uma imagética sacralizada no meio social, urbana e rural do município. Há uma pluralidade de leituras desse fenômeno cultural, social e religioso, seja no meio urbano, rural acadêmico e midiático, e isso acomoda singularidades para cada espaço; um vai e vem de rupturas e releituras.

Portanto, as particularidades dos penitentes em espaços diferentes é visível em outras comunidades religiosas na região sul do cariri cearense, a exemplo, da Irmandade da Cruz de Barbalha (CE). Ressalto, inclusive o leque de especificidades e ressignificações religiosas, culturais e de identidade de cada grupo que não cessa.

4.5. OS ESPAÇOS SAGRADOS

Para os penitentes da Ordem da Santa Cruz os seus ritos são realizados em espaços sacros como cruzeiros, cemitérios, antigas capelas, casas dos moradores da região mediante convites, estátuas/imagens de santos, a capelinha da mártir Francisca (dita santa popular aurorense e cultuada na região) e lugares ermos (longe de olhares curiosos).

Sobre esses lugares, Machado comenta: “Ambos os grupos realizavam longas caminhadas pelas estradas, geralmente à noite, cantando os benditos, parando nos cruzeiros e cemitérios para realizar as orações e fazer o autoflagelo” (MACHADO, 2014, p. 75).

Sua descrição busca elementos como noite, estradas, cruzeiros entre outros para depois relatar as práticas como as orações e a autoflagelação. Espaços sagrados e práticas em simbiose. Para o penitencialismo em si (como uma pretensiosa unidade), os lugares são consoantes com suas leituras de sagrado, do meio sociocultural.

Os grupos analisados e pesquisados em Barbalha (CE) apresentam características harmônicas com os penitentes de Aurora (CE) em detrimento dos espaços sacros como fio condutor entre diversas comunidades na região cariri cearense, a exemplo, dos mesmos espaços ditos importantes para o imaginário católico como o horto do padre Cícero entre as ordens na região do Cariri Cearense. O horto do Padre Cícero é uma “Meca” para os penitentes. Há constantes referências nos benditos sobre esses espaços: horto, Canindé e Barbalha.

Portanto, tanto nesta pesquisa como de Machado (2014), esses dois distintos penitentes, os de Barbalha e os aurorenses, são grupos separados espacialmente, mas há elementos que se alimenta do catolicismo, de lugares a margens como cemitérios (aproximação com a morte) e uma procissão que necessariamente adentra as madrugadas (o dia reservado a labuta corporal/roçado e a noite suas labutas espirituais/penitência).

Todavia, a autora faz um mapeamento da região do Cariri Cearense aonde o penitencialismo persiste como tradição e com recorrentes práticas em algumas comunidades. Ela destaca: “A partir desses textos, pude recriar a cartografia dos municípios cearenses nos quais a prática penitencial era desenvolvida: Assaré, Aurora, Barbalha, Crato, Farias Brito, Jardim, Juazeiro do Norte, Porteiras, Várzea Alegre, dentre outras” (MACHADO, 2014, p. 16).

Para a pesquisadora era relevante fazer a territorialização desses grupos para edificar seu recorte e sua pesquisa, e assim explicar as ricas e plurais práticas de penitencialismo, destarte, os espaços de atuações e, portanto, sacros também mudam

dentro dessa região, ou seja, para cada relação com o meio social cada grupo cria seus espaços sacros.

Os espaços dialogam com as práticas, memórias, laços ou redes sociais e até as identidades. No tocante das práticas religiosas, observa-se que os lugares já são denotados de aspectos relevantes para a cultura local como as igrejas, cruzeiros e estátuas. Suas práticas e os lugares de orações, reservados ao contato com o sagrado já possui uma predisposição religiosa para isso, por isso não praticam penitências em todos os lugares.

No campo da(s) memórias, os espaços sacros são artifícios que vão além do cenário do relato e das lembranças, pois nas falas (depoimentos) tais locais são “personagens”, importante caracterizador do penitencialismo. Por exemplo, Geilza frisa: *“Um lugar cheio de cruz que era tipo um minicemitério, tinha sete cruz porquê foi enterrado sete pessoas lá, entendeu.”*

Em sua memória ficou cristalizado essa associação a espaços como cemitérios aos penitentes e o quanto “misterioso, místico e desconhecido” são os penitentes (sua ontologia). Neste caso, os locais sacros são marcados na memória como uma representação, tal como delimita Chartier (2002), são constructos do que é real. Os cemitérios são um representação de um lugar sagrado

Diante dos laços sociais ou as redes de sociabilidade em torno dos penitentes, os lugares sacros possuem um relevante papel, pois se edifica uma teia de convivências, seja na roça ou nos cruzeiros, os penitentes comentam, vivem, interpretam o seu meio social.

Passar em uma estrada de terra longínqua em datas “santas” (católicas) aumenta o risco de encontrar os penitentes, assim como adentrar em antigos cemitérios. Por exemplo, o “cemitério da bailarina” é um espaço sacro para todas as ordens de penitentes aurorenses, pois encontra-se em um lugar totalmente ermo e abandonado. Portanto, as identidades também estão relacionadas diretamente aos espaços de atuação dos penitentes.

4.6. OS PENITENTES: A VIDA PRIVADA E A PÚBLICA

O mosaico de representações, comportamentos sociais, culturais entre as comunidades de penitentes da região do Cariri Cearense são variados, a exemplo, a conduta moral, financeira e religiosa possui discursos díspares entre eles. Para os penitentes da Ordem da Santa Cruz de Aurora (CE) é fundamentada uma relação unilateral com a sua comunidade: atender aos pedidos e convites locais e sem nenhum tipo de financiamento. Diz sobre isso o Decurião:

Aí sou pobre e sou rico porque eu tenho treze filhos, rico de família, graças a Deus e saúde porque sofemo muito pra criar e nunca me reclamei nem eu e nem a muier. Nós nunca se reclamemos porque o menino não tem o chinelo, o menino não tem a roupa, nunca reclamei não, nós fazia o que nós podia. Agora pegar o que é dos outro não aceito não.

Esse discurso diferencia de outros grupos na região que praticam rituais mediante pagamentos ou doações, e a mendicância. Para a comunidade rural aurorense seus atos são legitimados como uma “obrigação” divina, um mandato de Deus e renegam ajudas financeiras. O dinheiro é visto como profano.

Outra particularidade vai da esfera privada à pública é a questão do casamento religioso, pois ser “homem de família” lhe garante uma legitimidade de respeito entre eles e a comunidade rural no entorno. Essas condutas éticas caracterizam e ditam as relações sociais e as tensões com os próprios penitentes. Machado (2014, p. 73) em seu estudo comenta:

Ao mesmo tempo em que há pontos de intersecção entre os grupos, existem aspectos em que eles se diferenciam, entre eles: o casamento e o número de membros. Como já foi dito, no grupo Santas Missões essa questão é um ponto de conflito, pois os membros não concordam com o fato do Decurião Olímpio Ludugério não ser casado no civil e no religioso. Eles apontam o fato dessa regra ser seguida pelo grupo Irmãos da Cruz.

Os próprios penitentes da Irmandade de Cruz de Barbalha (CE) questionam o Decurião não seguir uma regra e os demais sim. Isso revela um pouco das tensões e conflitos nessas relações dentro dessa comunidade. Os penitentes de Aurora (CE) são casados na Igreja e/ou são solteiros. A questão do posicionamento social solteiro não

caracteriza um empecilho para adentrar na ordem e nem a idade, porém uma vez casado tem que ser um matrimônio religioso. O próprio Decurião, como já citado em sua fala anteriormente, fica incomodado com o fato de suas filhas casarem no civil.

Essas relações extrapolam a esfera do privado e passa para o público. Para ser um penitente tem que cumprir requisitos pré-estabelecidos como “*homem de Deus, de família e de bem*”. Outro nuance que chama atenção na citação acima é o número de penitentes, e está configurada numa alegoria bíblica dos 12 apóstolos de Cristo. Este número de membros é respeitado como um constructo social importante, o que possibilita adentra nas irmandades novas de penitentes, pois sua maioria são membros mais idosos.

Na Ordem da Santa Cruz há penitentes de variadas faixas etárias, porém prevalece o número maior de membros mais idosos e isto configura uma preocupação dos penitentes. Outra particularidade para os penitentes da Irmandade da Cruz é o caso do total de membros que ora extrapolam o numeral 12 ora diminuem, e isso não configura empecilho, mas um mecanismo de sobrevivência:

Já o grupo Irmãos da Cruz ou Irmandade da Cruz, como são conhecidos, inicialmente tinha 12 membros, atualmente possui 16 membros. A quantidade de membros para eles não é algo relevante. Eles defendem que quanto mais membros houver no grupo é melhor para que não “acabe” a prática (MACHADO, 2014, p. 73).

As práticas e a sobrevivência para o grupo em questão dependem não da manutenção dos doze membros, mas de leitura mais frouxa dessa conduta social, religiosa e moral. Dezesesseis membros possibilitam um alargamento e perpetuação do penitencialismo do grupo, uma estratégia que ressignifica uma antiga prática perante as nuances do tempo presente e um possível fim dessas práticas.

O feminino e sua relação com estes homens também configuram espaços diferenciados. Para a Ordem da Santa Cruz o feminino carrega cargas negativas para o ritual, um discurso proveniente da esfera religiosa e sociedade patriarcal. O Decurião afirma:

Não podem participar na casa não todos porque você assistir e no outro dia ficar dizendo que é o povo a gente andava meio dia. Nós já anda de noite pra isso. Não anda escondido de tudo,

mas também não é descoberto de tudo... o penitente você me conhecer, mas tem dois ou três que você não conhece né, mas se você ver ele mais eu você bota o olho nele e diz no dia que ele passa aquele caba tava mais Seu Geraldo rezando o terço, é o penitente. Não diz? A casa que tem um penitente ninguém pode desconfiar, se a mulher dizer dos outros diz dele também, né. Meu marido, meu irmão também.

Pesa sobre o papel feminino uma interpretação que as mulheres podem revelar as identidades dos homens penitentes para a comunidade, elas podem “destruir esse mistério”. Por isso, alia-se um discurso que as mulheres são dotadas do “pecado, malícia e desejo”. Há um estereótipo da mulher como “fofoqueira”, ou seja, aspectos sociais ligados a um discurso religioso deles suplantam o protagonismo feminino e nos rituais da Ordem da Santa Cruz as mulheres ficam restritas a cozinha.

Até mesmo mulheres fora da comunidade são dotadas desses signos. Na ocasião da Sexta-Feira Santa ao qual acompanhei um ritual da autoflagelação, uma pesquisadora da UFCE não foi permitida de observar os rituais e registrá-los, nem fazer um diálogo com seus participantes. Coube ao seu amigo na ocasião recolher relatos orais e fotografar os rituais.

Essa especificidade perante o feminino é inerente como uma característica própria da Ordem da Santa Cruz, pois outros grupos reservam espaços ao feminino, inclusive como membros e “Decuriãs”, a exemplo, do grupo de penitentes analisado por Santos:

Sua face trazia as marcas do trabalho exaustivo nas lavouras do agreste sergipano, que destituiu parte de suas forças. Mas não foi o rosto dessa mulher que marcou essa história de vida. Ao contrário, nas ocasiões em que ela deixava suas lidas cotidianas e partia para o mundo público, para suas aparições cenográficas seu rosto era misteriosamente recoberto com uma túnica alva. A mortalha sufocava a camponesa e revelava uma nova face, uma personagem que trafegou os longos caminhos do agreste, nas frias noites quaresmas. Nascia assim a penitente (SANTOS, 2010, p. 816).

O relato do encontro de Santos com a penitente ressalta essa especificidade de um grupo sergipano em reservar espaços, atuações e o protagonismo feminino. Portanto, a não inserção das mulheres na Ordem da Santa Cruz perpassa com uma alegoria mais social do que mesmo religiosa, ou de regra da identidade do penitente.

Santos também apresenta sua penitente (a pesquisa dele é baseada na análise individual desta mulher) usufruindo de uma caracterização que mistura os elementos da esfera pública e privada. A camponesa do roçado se traveste do desconhecido (cobre seus rosto) para uma prática religiosa em suma de caráter social. Os penitentes aurorenses também ultrapassam esse limite entre o privado e o público resguardando suas identidades individuais, como agricultores para tornar-se penitentes. Um traslado que perpetua e significa as relações sociais.

Na esfera pública, os penitentes de Aurora (CE), em particular da Ordem da Santa Cruz, tem uma visibilidade conquistada perante órgãos públicos de cultura, como a secretaria de cultura do município, como uma religiosidade (e cultura) importante para a localidade. Políticas de valorização desses homens são edificadas em torno do turismo religioso, atenção dada pela mídia regional e as pesquisas acadêmicas.

Um fenômeno recorrente neste tempo presente, outrora vistos como grupos á margem da religiosidade e do folclore atualmente eles são importantes para a cultura e a divulgação das práticas religiosas desses homens é utilizada na esfera política de atração de olhares para o município. Bezerra (2010b, p.16) percebe isso também e sua pesquisa.

A partir da década de 70, grupo religioso deixa de ter então um caráter eminentemente secreto e começa a ser “convidado” para uma realização de turnês e de apresentações culturais por todo território brasileiro. Fervilham as produções cinematográficas orquestradas por seus benditos e ladainhas, no palco de eventos culturais eles dividem espaço com autoridades políticas e celebridades artistas de renome nacional.

Bezerra (2010b) comenta como os penitentes em seu estudo são dotados de laços sociais e culturais, até políticos, pois dividem espaços com autoridades, palcos e apresentações. As produções e olhares para essa religiosidade vêm aumentando e os grupos de penitentes de Barbalha (CE) também modificaram suas condutas e rituais diante dessa nova realidade apresentada a eles.

Contudo, os penitentes de Aurora (CE) se resguardam a um pensamento que valoriza a ocultação de suas identidades, práticas e relações sociais. Mesmo diante das atuais pressões sociais, políticas e midiáticas eles ainda preservam o intuito de se

manterem no silêncio da madrugada. O que não significa que eles renegam ou afastam análises sobre suas práticas, exemplo, dessa monografia.

Portanto, esse capítulo é um de analisar os espaços sociais pontuando melhor o lugar urbano e rural. Os exemplos por meio das narrativas servem de exemplo, relações, atuações e identidades do penitencialismo do grupo pesquisado. Percorrendo discussões como o deslumbre e o medo, as narrativas memórias e os diálogos da comunidade do sítio Salgadinho e os penitentes da ordem da Santa Cruz. Apresento os espaços sociais sacros, as especificidades das atuações na urbe e no meio rural e por fim, essa discussão entre a vida privada e a pública como ambas as esferas são plurais e de muros facilmente ultrapassados, porém igualmente não fácil de compreender, obviamente há lacunas e não ditos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi uma tarefa pautada em passos que culminaram na assertiva escolha de pressupostos essenciais para realização dessa tarefa, seja o caminho teórico metodológico, os recortes, os diálogos e as propostas. Todas essas ferramentas possibilitam um manuseio e uma análise pautada em estudo etnográfico e histórico.

Primo que essa escrita como uma atividade que produz uma discussão relevante sobre uma comunidade de homens penitentes, através de um olhar histórico, etnográfico e acadêmico, mas essencial baseado na interpretação de um grupo que possui suas particularidades diferenciadas e sua própria relação com o divino.

Possuem preceitos morais e sociais são frutos de um penitencialismo que não é outro, e tão pouco novo, porém uma coisa própria um constructo deles. Respeitar e ressaltar essas particularidades, também compreendendo o diálogo com os outros grupos de penitentes.

Porém, o que de novidade ou contribuição essa monografia faz ou traz? Essa indagação já se responde na assertiva proferida, ela possibilita essas interrogações, se atreve a responder algumas (seja usando apresentação, as identidades, os lugares sociais e as representações) e mais atrevida possibilita criar outras. Uma conclusão tende a abrir, a partir dos objetivos expostos e desenvolvidos, novas possibilidades de estudo sobre o tema que a pesquisa não incorporou, mas criou futuras possibilidades para novas escrituras. Por isso apresento o que foi feito: análise das práticas, cosmogonia e relações sociais. E possibilidades futuras como: pesquisas em torno do feminino, da relação igreja católica de Aurora (CE) em torno dessa religiosidade.

O cerne deste trabalho foi a construção de uma análise cultural que adentrou em campos como as representações, simbologias, práticas e relações sociais em torno do objeto de pesquisa, tentando responder algumas interrogações fruto da minha percepção como historiógrafo e do meu lugar social, sendo esse último quesito um dos mais essenciais para construção e até lá no início da escolha dessa temática. O meu lugar social de inserção possibilitou um contato prévio e instigante com os penitentes.

Enfim, voltando a uma consideração acadêmica mais formal, vou postular algumas premissas epistemológicas que ajudaram na construção dessa análise e nas

escolhas proferidas (até aquelas que não foram), entre muitas possibilidades a escolha por uma análise voltada em três passos (ou capítulos) foi essencial para compreender alguns campos que montam um mosaico baseado no tripé: as práticas, as relações sociais e as simbologias e a cosmogonia dos penitentes da Ordem da Santa Cruz.

Desenvolvidas essas análises fica a certeza que essa monografia, outra qualquer produção nunca vai suprir as variantes discussões e explicar os penitentes, tão pouco um grupo como a Ordem da Santa Cruz. O roteiro dessa monografia em si representa uma busca em contempla esferas que ajudou na análise de caráter etnográfico, e no tocante da etnografia aliada a história que as visitas, observações e registro de algumas práticas religiosas que acompanhei no período dois anos, os passos dessa comunidade.

No primeiro passo se fez necessário diante das fontes e para facilitar minha construção uma apresentação das nuances do penitencialismo, seu cerne, como um passo de cada vez, não adiantaria edificar uma discussão sobre penitencialismo no campo simbólico sem primeiro esse viés se construído.

Portanto no primeiro capítulo (ou passo) foram realizadas discussões em torno das dores, benditos, práticas, clamores, o contexto histórico e historiográfico, a questão do catolicismo (aproximação, releitura e distanciamento) e meus (e outros) primeiros encontros com os penitentes.

No segundo passo, uma continuação inicia-se com uma discussão sobre os conceitos utilizados seja na escrita, análise em si ou na pesquisa e diante desse aparato é construída uma compreensão do campo simbólico, místico e religioso da cultura penitente da Ordem da Santa Cruz. Outra peculiaridade deste passo é uma discussão a parte sobre um ato repleto de significados (só ele daria uma, duas... varias monografias), a autoflagelação.

No terceiro passo, caminha pelos caminhos do âmbito social, entre os laços socioculturais, espaços, atuações, as narrativas, memórias, uso da oralidade (intensificado nesse momento, um ferramenta que penitenciava caso negasse as falas dos entrevistados), compreendemos as particularidades perenes ao deslocamento a zona urbana de Aurora (CE).

Após essa breve cartografia, reservo uma ressalva o termo “conclusão” me causa náuseas, pois nunca quero concluir no sentido finalizar uma discussão, aprendi com a História que as mudanças e ressignificações são essenciais, já diz o cantor/poeta/mestre: “somos uma metamorfose ambulante” e profano dizer que a História idem.

Destarte, também quero frisar que não somente aqueles objetivos inseridos no projeto de pesquisa, mas as metas pessoais, portanto não acadêmicas. São elas três (se leu bem esse TCC já percebeu), enfim são elas: as discussões partiram da minha curiosidade pessoal, das minhas angústias e na busca das minhas respostas.

No cerne das respostas, também saliento que encontrei algumas como: uma rede de sociabilidade que justifica algumas práticas por meio de uma aproximação própria dos penitentes com o divino, da comunidade idem. Outra afirmativa que encontrei é que as minhas dúvidas de criança que observa o penitente pela brecha da porta está envolvido em uma áurea de mistério que perpetua no município de Aurora (CE) pelo signo do medo, do desconhecido e das dúvidas também.

Cumprindo mais um ritualismo (ato de penitência) de uma consideração final prendendo balizar alguns resultados com a pesquisa, análise e a monografia, salientando as especificidades do campo da História como ciência, já que não estou apegado a objetividade de um biólogo diante um microscópio que observa seres vivos que cumprem ritos de vida constantes, isso possibilidade ele como cientista inseri experimentos, na História os resultados são inerentes a concepção e historicidade e a própria história. E para isso a antropologia oferece uma ferramenta, a cultura e como abordá-la na área da História.

Assim os resultados dessa pesquisa são construtos simbólicos, representações e apresentações que consigo retirar colossais assertivas e dúvidas, isso não quer dizer que o subjetivismo não seja importante ou supervalorizado pela História, ou por mim.

Partindo, para a última das etapas da consideração final faço uma análise do que compreendi, inseri no capô da historiografia de novidade e como a pesquisa em si me modificou primeiro a questão do que compreendi está pautado nas minhas descobertas (acadêmicas sobre a temática, nas observações e comigo), foi edificando uma imagem nova sobre penitencialismo que fugia e às vezes bebia (não vou negar) da velha

máxima do fanatismo, exótico e sobrenatural aliado as três palavras chaves dessa monografia: mítico, misterioso e mágico.

Na inserção do campo da historiografia, o que pode ser considerado aqui como o essencial dessa monografia é sua perspectiva que adentra nas especificidades das chagas das feridas dos penitentes manchadas ora pelo seu suor da roça, seu sangue ou sangue de Deus, insiro um estudo da Ordem da Santa Cruz compreendendo sua própria linguagem do mundo (ou a minha interpretação desta), isso é a essência dessa monografia foi o casamento a entre o saciar minhas dúvidas e o prazer de construir um pesquisa/escrita que tece uma análise que afasta de certos preceitos que poderia caber na retórica da buscas da origem, buscar outras temporalidades negando ou colocando em segundo plano o tempo presente. E outra particularidade foi contribuir para uma futura e vasta historiografia sobre a religiosidade aurorense, que possui poucos trabalhos nessa área.

Destarte, neste quesito que menciono como um resultado dessa pesquisa, que tem relação com uma indagação de um colega de Licenciatura, porém em biológicas, que me indagou o seguinte: “Quais são os prejuízos, riscos de sua pesquisa?”

A palavra “prejuízo e/ou riscos” pode ser carregada de um peso negativo, mas compreendi outras peculiaridades nesta indagação. Compreendi que ele me interrogava sobre: “Quais são os deslocamentos positivos e negativos que essa pesquisa poderia ocasionar para mim e os penitentes?”

Até que momento algumas coisas me faziam penitenciar também, claro diante de outra lógica, por exemplo, a obrigatoriedade dessa monografia como TCC. Essa monografia o meu estudo, pesquisa e aproximação foram benéficas, pois o Decurião expressava sua satisfação de me convidar e perguntar da pesquisa, ele tem sua leitura da História e por essa leitura ele entendia que era a oportunidade de ser “sujeito histórico”, ele, seu grupo e seu sítio Salgadinho. Não compreendendo ele que todos nós já somos sujeitos históricos natos. Enfim, nuances comum numa pesquisa mesmo razoavelmente pouco etnográfica se edificou.

Por fim, mas uma categoria comum numa consideração final fica o clichê de apontar futuras pesquisas as lacunas da minha pesquisa ou/e desta monografia, repito se você leitor “leu bem” esse TCC já se deparou com “não ditos” propositais desde o

primeiro capítulo até a mini e rápida conclusão do terceiro capítulo. Para reforçar, retorno mencionar que tenho a ciência que nunca finalizarei uma discussão tão rica como o penitencialismo em Aurora (CE), até mesmo há inúmeros grupos e apenas analisei um. Atreva-se a investigar, independente de sua área da epiderme.

Portanto, essa monografia foi uma análise de caráter histórico e etnográfico, que pontuou alguns nuances das particularidades culturais, das práticas, das relações sociais etc. Sobretudo, foi uma análise necessária as minhas interrogações, lançar outro olhar aos penitentes e ressaltar sua importância para a comunidade e a História de Aurora (CE).

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes orais: histórias dentro da história**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 155-202.
- BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo: travessias do padre Ibiapina nas narrativas da Irmandade da Cruz, Barbalha-CE. In: Encontro Nacional De História Oral, 10, 2010, Recife, **Anais...** UFPE: Recife, 2010a.
- BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/CE**. 191 f. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010b.
- BURKE, Peter, **O que é História Cultural?** Tradução Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. Contação de “causos” e negociação da verdade entre os Aves de Jesus, Juazeiro do Norte– CE. **Etnografica**, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 13 – 47, 2009.
- CARVALHO, Anna Christina Farias de. As irmandades de penitentes do Cariri Cearense e as práticas mágico-religiosas na (re)construção de bens simbólicos de salvação. In: Simpósio Nacional de História, 12, 2003, João Pessoa, **Anais...** João Pessoas: ANPUH, 2003.
- CARVALHO, Anna Cristina Farias de. Textos religiosos e práticas cotidianas: leitura de aspectos da Irmandade de Penitentes Públicos – Juazeiro de Norte – CE. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Jaboatão dos Guararapes – PE, v. 10, n. 31., p. 221-240, set./out. 2016.
- CARVALHO, Anna Christina Farias de. Fé e tradição oral: práticas mágico-religiosas presentes nos rituais das Irmandades de penitentes do Cariri cearense. **Oralidades**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 61-82, 2007.
- CARVALHO, Anna Christina Farias de. **As irmandades leigas de penitentes e a re-elaboração de bens simbólicos de salvação**. 2003. Disponível em: acsrm.org/interactivo/fscommand/GT01_FariasAnnaChirstina.pdf. Acesso em: 20 mar. 2017.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Algés: Difel, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MACHADO, Jana Rafaella Maia. **Entre cantos e açoites: memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvem os penitentes da cidade Barbalha-CE**. 170 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

MORAES, D. **Sexo, cristianismo e a crise criativa da arte**. 2015. Disponível em: <<https://interferenciaurbana.wordpress.com/tag/o-extase-de-santa-teresa/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

NOBRE, Edianne Santos. Festas e práticas religiosas no Cariri Cearense nos relatos de viagem (século XIX). **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá - PR, v. 3, n. 9, p. 1-12, jan. 2011.

OLIVEIRA FILHO, Roberto Viana de. **Passado perpétuo: os penitentes Peregrinos Públicos e o catolicismo penitencial em Juazeiro-CE (1970 -2016)**.153 f. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande - PB, 2016.

OLIVEIRA FILHO, Roberto Viana de. A outra face de Deus: as representações da ideia de castigo divino no grupo “penitentes peregrinos públicos” em Juazeiro do Norte. XVIII Simpósio Nacional de História, 13, 2013, Natal. **Anais...** Natal: ANPUH, 2013.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. A cruz que alumeia o mundo: narrativas memoráveis sobre os penitentes e a devoção à Cruz da Rufina, no sul do Ceará. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Santa Vitória do Palmar - RS, v. 4, n. 7, jul. 2012.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. O **preço da fé**: trajetória de uma penitente sergipana. fragmentos de cultura, Goiânia, v. 29, n. 11. p. 815 - 827, nov./dez. 2010.

SILVA, José Cicero. **Ritual de autoflagelação dos penitentes da ordem da Santa Cruz**.2011. Disponível em: <<http://blogdaaurorajc.blogspot.com.br/2011/12/penitentes-autoflagelacao-do-corpo.html>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**3.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

TAVARES, Amarílio Gonçalves. **Aurora: história e folclore**. 2.ed. João pessoa: Avantes, 1999.

APÊNDICE

Apêndice A – Transcrição das entrevistas.

A TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA I: DECURIÃO

Entrevistador: Pra conversar um pouco sobre isso, a primeira coisa que vou perguntar pra você é como você iniciaram ou como conheceram o penitencialismo?

Decurião: Isso aí a gente conheceu porque parti de Jesus, que tinha seus doze discípulos dele né aí quando Jesus morreu ficou São Francisco. Neste tempo povo era pouco, mas São Francisco era que era homem como nós mesmo né. E aí acontece o que foi passando de São Francisco passou pra outro e foi passando passando até por último é nós. Aí vem vindo dos mais velhos e mais velhos e aqueles mais novo foram interessando final deu certo, até de agora em diante que encostou, porque os novo não querem mais, os novo hoje querem a festa, quer outra coisa né! Esse negócio de religião acabou, não tem um que não saiba uma ave Maria, não vão mais atrás da igreja. Agora é a farra e a maconha, não quer saber de nada. Posso dizer que isso veio de Deus, o mandado de Deus deixou. Isso Deus deixou. Deus não deixou crente, Deus não deixou casamento civil, deus não deixou nada disso, isso os homens formaram, mas os mandados ele deixou.

Entrevistador: Outra coisa eu queria perguntar ao senhor era sobre ou possa explicar quais os principais rituais? Principais práticas? Como é o nome que vocês dão? Os terços e as rezas, como funciona?

Entrevistador: Outra coisa eu queria perguntar ao senhor era sobre ou possa explicar quais os principais rituais? Principais práticas? Como é o nome que vocês dão? Os terços e as rezas, como funciona?

Decurião: Aí um terço é um terço, ladainha é ladainha né, salve rainha faz parte do terço né aí tem a ladainha, tem a paixão, tem creio Deus pai, tem muita coisa faz parte do terço né... tem muita coisa só gravando mesmo né.

Entrevistador: E outra pergunta: como o pessoal do sítio, a comunidade interage com a religião, com os penitentes. Qual é o diálogo entre vocês e o povo daqui?

Decurião: Nossa turma os penitentes não pode rezar junto com todo mundo porque acontece o que a irmandade é muita séria e onde tem a reza misturado com mulher tem a maldade. Não tem?! Né. Tem a maldade, aí acontece que nossa reza é os homens agora as vezes as mulheres pode assistir uma coisa, mas acompanhar não, agora na casa ta certo, mas nas estrada com os homens não. Por isso hoje está muito percurado a irmandade devido o respeito, porque onde só tem homem não tem maldade. Se não for rezar o que vai fazer né...

Entrevista: Se eu pedir pra fazer uma promessa, orar na casa de uma pessoa vocês vão também né?

Decurião: Vamo, vamo demais. As vezes de primeiro as almas pareciam muito pedia terço de penitentes.

Entrevista: A questão da rua, qual a principal diferença o penitentes do sítio e da rua? Tem diferença ou vocês acham que não tem?

Decurião: Somos só uma só. Pode ter uma mudança de traje. E o horário na rua é mais tarde. Pastoram mas hoje em dia na rua o povo tão acho é bom, de primeiro o povo tinha era medo, eu tava dizendo a esse menino aí quando nós começando andar os cabas pastorava nós nas moitas de mufumo pra cobrir na pedra e nós não podia dizer nada que nós tava na nossa obrigação a, nós não ia brigar mais ninguém, quem andava rezando não anda brigando né. Aí acontece que o jeito que Jesus foi perseguido nós fomos perseguidos a mesma coisa. Às vezes eu ia uma dez horas da noite no pau branco, uma turma ia pra lá porque se o decurião fosse do pau branco a gente ia buscar e deixar ele lá. Aí o caba deu sacada de revólver no povo todinho e eu num pé de pau, porque tava com tanto medo atirou nos caba que correndo e não deu fé deu.

Entrevista: E a questão das vestimentas como funciona e qual o significado de cada parte dela, a gente percebe que a cor é branca e cruz vermelha?

Decurião: As nossas é própria com vermelho as cruzinhas, já outros é preto com branco outras vermelho com branco, tem diferença, mas agora na região não em diferença não.

Entrevistador: Outra questão que eu to observando tem o padre Cícero, as imagens de santos e quais são os santos assim que os penitentes mais são apegados?

Decurião: Jesus mesmoné. A paixão de cristo nosso senhor. Morreu na Cruz por nós né. Aí nós faz nossa obrigação imitando ele. E outra ele ressuscitou no sábado de madrugada pro domingo.

Entrevistador: A questão da fala do padre. Qual a relação que a igreja católica tem com os penitentes aqui na região?

Decurião: Aqui na região de Aurora tem muita relação que eles gostam mesmo. Num só aqui como nós já andemo pro Juazerio e todo canto lá no horto nós fomo muito bem recebido pelo padre. Né os padre gosta porque sabe que lá tem escrito por isso foi Deus que deixou.

Entrevistador: Qual a importância do ritual hoje a noite, na sexta feira santa pra vocês?

Decurião: A importância de hoje é isso porque nós vamopro rezar um terçim depois tirava as “alviças” ai sai toda obrigação do terço sai hoje. Toda obrigação é a paixão, e tudo ladainha, salve rainha e até sangue sai. E tudo é cantado.

Entrevistador: Como vêem isso “Olhares de fora” tipo eu com o meu trabalho de TCC, o rapaz que veio pra cá, o povo tentar estudar e olhar vocês, a TV , a mídia como é que vocês vêem esses “olhares de fora” pra religião de vocês?

Decurião: [O que a gente ver é que vocês podem assistir não pode ta no meio de nós porque vocês também não sabe né a frente.] É um grande interesse porque a cruz é que nem a igreja, a igreja tem a porta aberta entre todo mundo quem queira. Não pode faltar com respeito. Ta com o braço aberto recebe quem chegar agora respeitando. Não venha com cachaça. Não venha com nada assim porque o discípulo meu no dia que ele beber não venha aqui não porque eu não aceito não.

Entrevistador: Bem no começo da fala do senhor falou da questão dos penitentes do futuro e dos jovens. Fale sobre isso.

Decurião: Sabe o que acontece como o povo não querem a religião não querem nada mais. [Mais quer inverno todo ano]. eu vejo as coisas que deus deixou nós não pode destruir não, nós tem de continuar pra frente mais aí o povo destrói. Tem hoje o que acontece tem o bandido, você não ver falar em Deus, não ver falar em nada, é na droga, no banditismo e na festa. Você tem uma filha tenta casar nam não caso na igreja não só caso no civil. Qual foi o casamento civil que deus deixou?

Entrevistador: E a questão das igrejas protestantes ?

Decurião: Né como você ver ali na praça de Aurora, aqui ali só pra roubar né .Não é pra outra coisa não. Aí é como se diz o mundo ta completo do que não presta o povo já tem vontade e quem tire você do rumo melhor fica. Você ta aí em seu estudo aquele rapaz também, mas se tiver um que queira arreda você tem quer muito forte. A tentação é forte. O caba sair daquilo ali é difícil fica a tentação ali desviando você que é uma pessoa nova ai podia ser uma pessoa de religião e bem reconhecida e tudo, mas ficam atentando pra você cair e não levantar. Aí sou pobre e sou rico porque eu tenho treze filhos, rico de família, graças a deus e saúde porque sofemo muito pra criar e nunca me reclamei nem eu e nem a muier. Nós nunca se reclamemos porque o menino não tem o chinelo, o menino não tem a roupa, nunca reclamei não nós fazia o que nós podia. Agora pegar o que é dos outro não aceito não. Se chegasse uma coisa eu perguntava de onde arrumou. Mas eu sou chato toda vida eu gostei de rezar deste eu criança que meu pai me ensinou e minha mãe né. Ensinar a eu mesmo e eu não ia aprender outra coisa que meu pai ensina e eu vejo que dá dando certo, e se eu vejo ta dando certo eu não vou destruir vou caprichar cada vez mais e continuar fazendo.

Entrevistador: Aqui em Aurora tem os penitentes do Espinheiro e os penitentes da rua, mas tudo é a mesma religião né a mesma coisa?

Decurião: Ali na rua quem vai muito é eu.

Entrevistador: A questão o senhor falou das mulheres, não vêem o ritual né e não pode participar?

Decurião: Não podem participar na casa não todos, porque você assistir e no outro dia ficar dizendo que é o povo a gente andava meio dia. Nós já anda de noite pra isso. Não anda escondido de tudo, mas também não é descoberto de tudo... o penitente você me conhecer, mas tem dois ou três que você não conhece né, mas se você ver ele mais eu você bota o olho nele e diz no dia que ele passa aquele caba tava mais Seu Geraldo rezando o terço, é o penitente não diz?A casa que tem um penitente ninguém pode desconfiar se a mulher dizer dos outros diz dele também né. Meu marido, meu irmão também.

Entrevistador: Os penitentes aqui do sítio são parentes do senhor daqui né?

Decurião:Bem dizer minha famia mesmo, se minha família e meus netos fizesse oque eu vivo eu não precisava de ninguém não só nos dava uma turma...

[...]

*continua mais é inaudível.

ENTREVISTA II

Entrevistador: Quais são as memórias ou experiências em torno dos penitentes?

Entrevistada: Meu depoimento é falando sobre os penitentes, né, quando eu era criança. Quando eu era criança eu tinha o hábito de olhar, meu irmão não olhava porque tinha medo né, eu olhava pelas brechas da janela do meu quarto, os penitentes passava, mas o povo dizia que não era pra olhar porque um senhorzin lá de idade já lá onde eu morava diz assim né: que os penitentes viu um dia os penitentes lá numa coisa... Um lugar cheio de cruz que era tipo um minicemitério, tinha sete cruz porquê foi enterrado sete pessoas lá, entendeu. Lá eles estavam se autoflagelando, batendo neles com um chicote de navalha. Era sete navalhas, se eu não me engano, sete navalhas e um chicote que tinha sete navalhas nas pontas e jogava pra costas assim e cortava as costas que o sangue descia [quem visse entrava na peia também] ai ela viu isso ficou muito assustado e não é isso de entrar na peia é porque viu como é que uma pessoa faz isso. Ai cara ficou muito assustado e disse que não pra olhar os penitentes porque senão os penitentes metia apeia na pessoa, ta entendendo! Porque tava olhando esse sacrifício que eles fazem, isso é pra redimissão dos pecados, mas mesmo assim eu olhava eles passava, sempre olhei nunca tive medo não. Sempre olhava pelo buraco lá das brechas da porta e eles cantando e eu até conhecia um homem que, a pessoa conhece quando é mascarado o tal do decurião. Que é o cara que segue os penitentes e vai na frente dos penitentes aí depois que eu vi embora mora aqui na rua né, eu estava namorando um dia na calçada aí [aquele lindo augoro] meu namorado partiu numa carreia muito bonito não [mãeee] batendo na porta e eu fiquei olhando ai eu conheci o cara o decurião também... é legal eu acho bonito... muito legal eu gosto dos cânticos e tinha dito um terço de penitentes lá na casa da minha vizinha aí eles vai e passa cantando.. mas eu acho muito bonito...

Quando eu tinha três meses de nascida minha mãe fez o terço na casa dela dos penitentes em pró de agradecimento da construção de sua nova casa né, aí pediram um terço de agradecimento pro penitentes... Aí sim, deixa eu conta um detalhe importante: eles quando vão lanchar lá eles lancha primeiro o lanche da renovação... como é que diz? Ah ninguém pode ver eles comendo porque eles tem as máscaras ai só quem pode ver é o decurião. Aí o decurião chega para outras pessoas e diz que as outra pessoas já pode ir lanchar o lanche da renovação depois que os penitentes come... Aí eles sai cantando da casa da pessoa [...].

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE ENTREVISTA

O Senhor Geraldo Enéias de Brito é convidado a participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada: Oração e sangue: análise histórica da Ordem da Santa Cruz, os Penitentes do sítio Salgadinho, Aurora (CE) (2015 - 2018).

Como atividade essencial a escrita do trabalho de conclusão de curso (TCC) de Paulo Sérgio da Silva Santos, curso Licenciatura Plena em História da Unidade de Ciências Sociais - UACS, vinculado a instituição: Universidade Federal de Campina Grande PB- UFCG, Centro de Formação de Professores - CFP, Campus Cajazeiras PB.

Sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento, retirar seu consentimento, sem que isso tenha algum prejuízo, sanção ou penalidade a você e ao pesquisador. Caso esteve disposto fica ciente que este estudo tem como objetivo principal: problematizar, analisar alguns aspectos socioculturais e edificar um estudo histórico sobre a penitência na comunidade preterida.

Caso queira aceitar o convite, será submetido aos seguintes procedimentos: entrevista base para fundamentação de fontes orais para uma monografia.

Declaro que estou ciente dos objetivos, métodos e da importância desta pesquisa, bem como será produzida, incluindo os riscos, relevância e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo. Consentindo livre e esclarecido de entrevista.

Cajazeiras - PB 30 de Março de 2018 .

Geraldo Enéias de Brito
Assinatura ou datiloscopia do (a) participante entrevistado (a)

Paulo Sérgio da Silva Santos
Assinatura do pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE ENTREVISTA

A Senhora Maria Geilza dos Santos Oliveira é convidada a participar como voluntária da pesquisa intitulada: Oração e sangue: análise histórica da Ordem da Santa Cruz, os Penitentes do sítio Salgadinho, Aurora (CE) (2015 - 2018).

Como atividade essencial a escrita do trabalho de conclusão de curso (TCC) de Paulo Sérgio da Silva Santos, curso Licenciatura Plena em História da Unidade de Ciências Sociais - UACS, vinculado a instituição: Universidade Federal de Campina Grande PB-UFCG, Centro de Formação de Professores - CFP, Campus Cajazeiras PB.

Sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento, retirar seu consentimento, sem que isso tenha algum prejuízo, sanção ou penalidade a você e ao pesquisador. Caso esteve disposto fica ciente que este estudo tem como objetivo principal: problematizar, analisar alguns aspectos socioculturais e edificar um estudo histórico sobre a penitência na comunidade preterida.

Caso queira aceitar o convite, será submetido aos seguintes procedimentos: entrevista base para fundamentação de fontes orais para uma monografia.

Declaro que estou ciente dos objetivos, métodos e da importância desta pesquisa, bem como será produzida, incluindo os riscos, relevância e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo. Consentindo livre e esclarecido de entrevista.

Cajazeiras - PB 16 de março de 2018.

Maria Geilza dos Santos Oliveira

Assinatura ou datiloscopia do (a) participante entrevistado (a)

Paulo Sérgio da Silva Santos

Assinatura do pesquisador